

Revista Brasileira de

Sexualidade Humana

Volume 21 nº 1

Ano 2010



Revista Brasileira de Sexualidade Humana – vol 21, n.1, 2010

Volume 21 – Número 1
Janeiro a Junho de 2010

Edição Especial

Volume 21 – Número 1 – Janeiro a Junho de 2010
SBRASH – Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana
São Paulo - SP.



SBRASH Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana

Diretoria da SBRASH para o Biênio 2010/2011

Presidente - Maria Luiza Macedo de Araújo (RJ)
Vice presidente – Jaqueline Brendler (RG)
Secretário geral – Flavio Roberto de Carvalho Santos (RJ)
Diretora-Tesoureira – Andréa Soutto Mayor (RJ)
Diretora de Publicações - Ana Cristina Canosa (SP)
Diretor de Relacionamento com os Sócios - Paulo Roberto Canella (RJ)
Diretoria de Titulação – Sandra Valeria Ferreira Baptista (RJ)

Conselho Deliberativo – Biênio 2010/2011

Raquel Varaschini (PR)
 Tereza Cristina Fagundes (BA)
 Marcio Ruiz Schiavo (RJ)
 Ricardo Cavalcanti (BA)
 Pedro Jurberg (RJ)
 Marise Jurberg(RJ)

REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA

Órgão Oficial de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH)

EDITORA GERAL: Ana Cristina Canosa Gonçalves (SP)

EDITOR ASSISTENTE: Paulo Roberto Bastos Canella (RJ); Hugues Costa de França Ribeiro (SP)

INDEX ISSN 2236-0530 Períodico indexado em: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP – São Paulo/Brasil)

Conselho Editorial da Revista Brasileira de Sexualidade Humana

Tereza Cristina Fagundes (BA) – UFBA
 Maria Alves de Toledo Bruns (SP) – USP
 Maria do Carmo Andrade e Silva (RJ) - UFRJ
 Sonia Mello (SC) – UDESC
 Pedro Junberg (RJ) – UGF
 Mary Neide D. Figueiredo (PR) – UEL
 Elucir Gir (SP) – USPPR
 Marcelo A. Toniette (SP) – USP
 João Benévolo (RN) – UFRN

REDAÇÃO E ENVIO DE ORIGINAIS

A/C Editora Geral: Ana Cristina Canosa Gonçalves Rua Comendador João Gabriel, 67 04052-080 Mirandópolis - São Paulo, SP.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Comunicarte - Agencia de Responsabilidade Social
 Av das Américas 1155/1506 – CEP 22631 020 Rio de Janeiro RJ - telfax 21 2494 2886

PRODUÇÃO EDITORIAL

Edição SBRASH – www.sbras.org.br -Rio de Janeiro RJ

EDIÇÃO ELETRONICA

Tuttare Filmes - Pr. Pio XI 116/204 cep 22461 080 - Rio de Janeiro RJ - Tel. 21 22866906

SUMÁRIO - Vol 21. 1 – ano 2010

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO -----	05
EDITORIAL -----	14
DIÁRIO DE PERNAMBUCO -----	15
A DOR E ALEGRIA DE NASCER ----- PAIN AND JOY OF BIRTH Maria do Amparo Rocha Caridade	17
 SEXUALIDADE: CORPO E METÁFORA	
RAZÕES DESSE ESCREVER ----- REASONS FOR THIS WRITING Maria do Amparo Rocha Caridade	20
(DES)IDEALIZANDO ----- GETTING RID OF IDEAL MODELS Maria do Amparo Rocha Caridade	24
 REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA	
A ARTE ERÓTICA, A FANTASIA E O DESEJO SEXUAL ----- THE EROTIC ART, FANTASY AND SEXUAL DESIRE Maria do Amparo Rocha Caridade	29
A SEXUALIDADE NO ENVELHE(SER) ----- SEXUALITY IN AGING Maria do Amparo Rocha Caridade	39
MACHOS OU MASCULINOS? UM ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADES E PRODUÇÃO DE CONDUTAS VIOLENTAS ----- MALE OU MASCULINE? A STUDY ON THE CONSTRUCTION OF MASCULINITIES AND THE PRODUCTION OF VIOLENT BEHAVIOR Maria do Amparo Rocha Caridade Helena Maria D. G. Raposo Ana Patrícia L. Freire Lopes	51
SEXUALIDADE E SAÚDE EMOCIONAL ----- SEXUALITY AND EMOTIONAL HEALTH Maria do Amparo Rocha Caridade	60
A SEXUALIDADE FEMININA – LINGUAGEM DO CORPO ----- FEMALE SEXUALITY - BODY LANGUAGE Maria do Amparo Rocha Caridade	67
SEXO, MULHER E PUNIÇÃO: A SEXUALIDADE FEMININA ----- SEX, WOMEN AND PUNISHMENT - FEMALE SEXUALITY A PENAL INSTITUTION	72

Maria do Amparo Rocha Caridade

REVISTA SEXUS – ESTUDO MULTIDISCIPLINAR DA SEXUALIDADE HUMANA

O COMPORTAMENTO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA ----- 82
 ADOLESCENT SEXUAL BEHAVIOR

Maria do Amparo Rocha Caridade

(CON)TATO E DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO SEXUAL ----- 87
 (CON)TACT AND DIALOGUE IN SEX EDUCATION

Maria do Amparo Rocha Caridade

PRAZER(Z) SER COMPARTILHADO ----- 91
 SHARED PLESURE TO BE SHARED

Maria do Amparo Rocha Caridade

**ANAIS DE CONGRESSOS BRASILEIROS DE SEXUALIDADE HUMANA DA
 SBRASH**

SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO. MOTIVAÇÕES E DESAFIOS ----- 95

Maria do Amparo Rocha Caridade

SEXUALIDADE CONJUGAL? ----- 96

Maria do Amparo Rocha Caridade

PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA DIMINUIÇÃO DO DESEJO ----- 97

Maria do Amparo Rocha Caridade

ATUALIZAÇÃO DE DADOS E ANUIDADE ----- 100

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista Brasileira de Sexualidade Humana (R.B.S.H.), órgão oficial de divulgação da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, é uma publicação semestral a ser distribuída aos associados da SBRASH, é vendida por assinatura ou em números avulsos. RBSH visa a divulgação de trabalhos cujo objeto de estudo seja qualquer das facetas da sexualidade humana. Os textos a serem publicados devem ser trabalhos originais e seguir as Normas da Revista, baseadas nas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação (NBR 10520, 2002 - *em vigor*); Informação e documentação Referências – Elaboração (NBR 6023, 2002, *em vigor*); Informação e Documentação - Resumo - Apresentação (NBR 6028 - 2003 *em vigor*) - Informação e Documentação - Artigo em publicação periódica científica - impressa (NBR 6022 -2003 em vigor) .

Os artigos serão submetidos ao conselho editorial da revista e aprovados para publicação

Para submeter um artigo:

1- Os originais deverão ser encaminhados em três vias digitadas, em espaço duplo, configuradas no programa Word for Windows 5.0, 6.0 ou 97 (Microsoft), não excedendo vinte páginas (entre 21 mil a 28 mil caracteres), acompanhados de uma cópia em disquete de 3,5” ou CD, dentro das seguintes seções:

- a) Artigos opinativos ou de atualização.
- b) Trabalhos de Pesquisa.
- c) Estudos de caso. Devem conter referências de um caso
- d) Resenha de Livros
- e) Resenha de Teses e Dissertações
- f) Entrevista
- g) Tópicos

2- Todos os textos devem ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo não fere as normas éticas da profissão e abrindo mão dos direitos autorais em favor da Revista. As opiniões expressas pelo autor são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, obrigatoriamente, a opinião dos editores.

3- Os autores serão comunicados imediatamente sobre o recebimento do original pelo Conselho Editorial.

4- A apresentação das Resenhas de Livros e Resenhas de Teses e Dissertações devem ter texto com dimensão variável entre três e cinco páginas (4.200 a 7.000 caracteres), contendo o registro e a crítica das obras, livros e teses, publicadas recentemente.

5- Tópicos é seção reservada a manifestações do corpo editorial da revista.

6- A apresentação dos textos nas categorias: Artigos Opinativos, Trabalhos de Pesquisa e Estudos de Caso, devem seguir a seguinte ordem:

Folha de Rosto Identificada:

- 1-Título em português e em inglês (máximo de quinze palavras);
- 2-Título abreviado para cabeçalho (máximo de cinco palavras);
- 3-Nome de cada um do(s) autor(es), acompanhado de breve currículo que o(s) qualifique na área de conhecimento do artigo. O currículo, bem como os endereços eletrônicos, devem aparecer em rodapé **indicado por asterisco** (o grifo é nosso) na página de abertura, ou, opcionalmente, no final dos elementos pós-textuais, onde também devem ser colocados os agradecimentos do(s) autor(es) e a data de entrega dos originais à redação do periódico;
- 4-Endereço completo para correspondência com o Corpo Editorial, telefone, fax e-mail do autor principal..

Folha de Rosto sem Identificação:

- 1-Título em português e em inglês;
- 2-Título abreviado para cabeçalho.

Resumos:

- 1-Resumo, em português, com até 250 palavras;
- 2-Palavras-chave, em português (de 3 a 5), separadas entre si por ponto.
- 3-Abstract em inglês (tradução do resumo);
- 4-Keywords (tradução das palavras-chave).

Texto:

Esta parte deve começar em nova página, numerada como página três (3) ou quatro (4) com título centrado no topo da mesma. Cada página subsequente deve ser numerada. Não inicie uma nova página a cada subtítulo. Separe-os usando uma linha em branco. Quando o artigo for um relato de pesquisa, o texto deverá apresentar, além das páginas de Rosto e Resumos, Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusões e Referências bibliográficas. Se necessário outros subtítulos podem ser acrescentados. Em alguns pode ser conveniente apresentar resultados e discussão juntos, embora essa estratégia não seja recomendável como regra geral. Utilize o mínimo de notas. Quando realmente indispensáveis, devem ser indicadas por algarismos arábicos no texto e listadas, após as referências, em página separada, intitulada "Notas". Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas, que deverão ser apresentadas em anexo. Observe as normas de citação: Sistema autor-data, sendo a indicação da fonte feita pelo sobrenome do autor ou pelo nome de cada entidade responsável, seguido da data de publicação, do documento e da(s) página(s) da citação. A citação literal de um texto precisa estar entre aspas e exige a referência ao número da página do trabalho de onde foi copiada. As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação na primeira vez em que forem citados em cada parágrafo. Todas as citações secundárias devem informar as referências originais. Evite utilizar

citações secundárias, especialmente quando o original pode ser recuperado com facilidade. Citações de obras antigas e reeditadas devem trazer a data de publicação original/ data de publicação consultada. O sobrenome dos dois autores de um mesmo artigo devem ser citados sempre que o artigo for referido; já artigos escritos por três a cinco autores, os mesmos devem ser citados na primeira referência; da segunda referência em diante utilize sobrenome do primeiro autor seguido de et al. e da data, se for a primeira citação no parágrafo. Cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de et al. e data para os artigos escritos por seis ou mais autores: Porém, na seção de Referências, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados. As referências abreviadas Id. (Idem - mesmo autor); Ibid. (Ibidem – na mesma obra); op.cit (Opus citatum – obra citada), dentre outras, só podem ser usadas na mesma página ou folha da citação a que se referem, seguidas da data e página referente ao autor ou obra citada, entre parênteses: (Ibid., 1999, p. 6).

Alguns exemplos de citação no texto:

- Citações diretas, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

Segundo Sá (1995, p. 27): “[...] por meio da mesma ‘arte de conversação’ que abrange tão extensa e significativa parte de nossa existência cotidiana [...]”.

A chamada “pandectística havia sido a forma particular pela qual o direito romano fora integrado no século XIX na Alemanha em particular.” (LOPES, 2000, p. 225)

Diversos autores salientam a importância do “acontecimento desencadeador” no início de um processo de aprendizagem (CROSS, 1984; KNOX, 1986; MEZIROW, 1991).

Bobbio (1995, p.30) com muita propriedade nos lembra, ao comentar essa situação, que os “juristas medievais [...] de Sacro Império Romano.”

Merriam e Caffarella (1991) observam que a localização de recursos tem um papel crucial no processo de aprendizagem autodirigida.

De fato, semelhante equacionamento do problema conteria o risco de se considerar a literatura [...], para a teologia (JOSSUA; METZ, 1976, p.3).

Para Freud (1915-1974), mesmo que a relação mãe-bebê se expresse [...] dos primeiros contatos corporais, e eternamente insatisfeito.

Segundo Silva (1983 apud ABREU, 1999, p.3) diz ser [...].

“[...] o viés organicista da burocracia estatal e o antiliberalismo da cultura política de 1937, preservado de modo encapuçado na Carta de 1946.” (VIANNA, 1986, p. 172 apud SEGATTO, 1995, p. 214-215).

“[...] para que não tenha lugar a produção de degenerados, quer físicos quer Moraes, misérias, verdadeiras ameaças á sociedade (SOUTO, 1916, p. 46, grifo nosso).

“[...] desejo de criar uma literatura **independente**, diversa, de vez que, aparecendo o classicismo como manifestação de passado colonial [...]” (CANDIDO, 1993, v.2, p. 12, **grifo do autor**).

“Ao fazê-lo pode estar envolto em culpa, perversão, ódio de si mesmo [...] pode julgar-se pecador e identificar-se com seu pecado (RAHNER, 1962, v. 4, p. 463, tradução nossa)

- Em citações devem ser indicadas as supressões, interpolações, ênfases ou destaques. Do seguinte modo:

[...] - supressões

[] - interpolações, acréscimos ou comentários

Grifo, **negrito** ou *itálico* – ênfase ou destaque

- Citação de informações verbais (palestras, debates, comunicações etc.) Quando se tratar de dados obtidos em informação verbal (palestras, debates, comunicações etc.) indicar, entre parênteses, a expressão informação verbal, mencionando-se os dados disponíveis, em nota de rodapé.

Exemplo: No texto O novo medicamento estará disponível até o final do semestre (informação verbal)¹

¹ Notícia fornecida por John A. Smith no Congresso Internacional de Engenharia Genética, em Londres, em outubro de 2001

- Citação de trabalhos em fase de elaboração:

Indicar os dados disponíveis em nota de rodapé:

No texto: Os poetas selecionados contribuíram para a consolidação da poesia no Rio Grande do Sul. Séculos XIX e XX (em fase de elaboração)¹

¹. Poetas rio-grandenses, de autoria de Elvo Clemente, a ser editado pela EDIPUCRS, 2002.

- Citações diretas com mais de três linhas devem vir com fonte diminuída em até dois pontos (mínimo 10) comparada ao texto, com espaço simples e recuo a direita.

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão (NICHOLS, 1993, p. 181).

- Coincidência sobre nomes de autores: Quando houver coincidência de sobrenome de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes; se mesmo assim existir coincidência, coloca-se os prenomes por extenso.

Exemplo: (BARBOSA, 1958) (BARBOSA, Cassio, 1965)

As Referências bibliográficas dizem respeito a lista de autores e obras citados no texto. Obras consultadas que não forem citadas no texto devem vir listadas em separado como Bibliografia consultada.

As referências ou bibliografia deve ser listadas em ordem alfabética à partir do sobrenome do autor, seguido do título, edição, local, editora, data de publicação e páginas.

Autoria de documentos. Indica(m)-se o(s) autor(es), de modo geral, pelo último sobrenome, em maiúsculas, seguido(s), abreviado(s) ou não. Recomenda-se tanto quanto possível, o mesmo padrão para a abreviação de nomes e sobrenomes, usados na mesma lista de referências. Os nomes devem ser separados por ponto-e-vírgula, seguido de espaço.

Exemplos: ALVES, Roque de Brito. *Ciência Criminal*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
DAMIÃO, R.T.; HENRIQUES, A. *Curso de direito jurídico*. São Paulo: Atlas, 1995.

Exemplos de Referências bibliográficas:

1- Artigos e/ou matéria de revista, boletim, etc.

DIAS, C. A.; ALVES, J. M. Reflexões sobre a escolha da parceria conjugal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 15, n. 1. p. 113-133, 2004. São Paulo: Iglu. 2004.

COSTA, V. R. À margem da lei: o programa Comunidade Solidária. **Em Pauta**: revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998. (Se a revista científica for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, após o número do volume).

2- Artigo de revista científica no prelo:

Indicar no lugar da data que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em itálico, após o título do artigo. Não referir data e números do volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

3- Artigo e/ou matéria de revista, boletim etc. em meio eletrônico:

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <<http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

4- Artigos e/ou matéria de jornal:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, caderno 8, p. 13.

5- Artigos e/ou matéria de jornal em meio eletrônico:

ARRANJO tributário. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 27 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

6- Monografia no todo - Inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, etc.) e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, entre outros).

GOMES, L.G.F.F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.

FERREIRA, L. P. (org). **O fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus, 1991.

PASSOS, L. M. M.; FONSECA, A.; CHAVES, M. **Alegria de saber: matemática, segunda série, 2, primeiro grau: livro do professor**. São Paulo: Scipione, 1995.

RUCH, G. **História geral da civilização**: da Antiguidade ao XX século. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926-1940. 4v.
 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Catálogo de teses da Universidade de São Paulo, 1992**. São Paulo, 1993. 467 p.
 AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Publication manual** (4ª ed.) Washington, DC: Autor, 1994.
 BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório da Diretoria-Geral**: 1984. Rio de Janeiro, 1985. 40 p.

7- Monografia no todo em meio eletrônico

ALVES, C. **Navio Negroiro**. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegroiro.htm>>. Acesso em: jan. 2002, 16:30:30.

8. Parte de Monografia (inclui capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor(es) e/ou título próprios).

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org). **História dos jovens 2**. São Paulo; Companhia das letras, 1996. p. 7-16.

9. Parte de Monografia em meio eletrônico

POLÍTICA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. disponível em:<<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

10. Evento como um todo

X CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 2005, Porto Alegre. **Sexualidade**. Anais. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005.

11. Evento como um todo em meio eletrônico:

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais.htm>>. acesso em: 21 jan. 1997.

12. Trabalho apresentado em evento, mas não publicado:

FÉRES-CARNEIRO, T. **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ, dez, 1998.

13. Trabalho apresentado em evento com resumo publicado em anais:

TONIETTE, M. A; LILIENTHAL, L. A. (Re)pensando pontos de partida no trabalho com as dificuldades sexuais a partir da Curva de Contato proposta por Joseph Zinker. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 10., Porto Alegre, 2005. **Anais**. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, 2005, p.129.

14. Trabalho apresentado em evento em meio eletrônico:

SABROZA, P. C. Globalização e saúde: impacto nos perfis epidemiológicos das populações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA, 4., 1998, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998. Mesa-redonda. Disponível em:<<http://www.abrasco.com.br/epirio98/>>. Acesso em: 17 jan. 1999.

15. Teses ou Dissertações não publicadas:

MORGADO, M.L.C. **Reimplante dentário**. 1990. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)–Faculdade de Odontologia, Universidade Camilo castelo Branco, São Paulo, 1990.

16- Comunicação pessoal::

Cite apenas no texto, dando as iniciais e o sobrenome do emissor e a data.

Não inclua nas referências.

Anexos:

Os anexos devem ser apresentados em uma página após as referências, numerada consecutivamente, em espaço duplo. Somente use anexos se isso for realmente imprescindível para a compreensão do texto.

Figuras e Tabelas:

Figuras e tabelas devem ser apresentadas com as respectivas legendas e títulos, uma em cada página. As figuras e tabelas não poderão exceder 11,5 X 17,5cm. É imprescindível citar autor, título (quando não existir, deve-se atribuir uma denominação ou a indicação Sem título, entre colchetes), data e especificação do suporte e listar nas referências bibliográficas. Exemplo: KOBAYASHI, K. **Doenças dos xavantes**. 1980. 1 fotografia

Nosso procedimento ao receber um trabalho:

Os trabalhos recebidos são apreciados pelo Conselho Editorial. O parecer será expresso de três maneiras:

- a) *Aceito para publicação:* se estiver de acordo com as Normas e for considerado como trabalho de interesse por sua solidez científica, originalidade, atualidade ou oportunidade de informação para a Revista Brasileira de Sexualidade Humana, será publicado em um dos próximos números da revista, segundo um critério cronológico e de paginação.
- b) *Aceitação Condicional:* caso haja dúvida específica, os editores ou outros profissionais associados da SBRASH de reconhecida competência em sua área de atuação poderão ser consultados para avaliar o trabalho e eventualmente condicionar a publicação a modificações que visam melhorar a clareza, precisão do texto ou adequação das normas para publicação. Nesse caso os autores deverão enviar duas cópias impressas do original reformulado com carta de encaminhamento informando sobre as reformulações realizadas. Caso os autores tenham decidido não realizar algumas modificações sugeridas, devem justificar essa decisão. Esta carta e o texto reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores e a versão inicial para uma análise final. Nesta etapa do procedimento, o Conselho Editorial terá conhecimento das identidades dos autores e dos consultores.
- c) *Recusado:* Nessa hipótese, os autores receberão o parecer do Conselho Editorial com a motivação da recusa.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações no texto dos autores, para agilizar o processo de submissão ou publicação dos originais.

Os originais e o disquete enviados pelos autores não serão devolvidos.

Os editoriais, que refletem posições da Diretoria da SBRASH, serão elaborados pelo editor responsável ou pelos membros do Conselho Editorial. Salvo quando um autor é convidado pela revista, exige-se para as demais seções que o autor, ou ao menos um dos co-autores, seja associado à SBRASH.

Direitos Autorais:

A *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* possui direitos autorais de todos artigos publicados por ela. A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outro fim, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do Editor. Reproduções parciais de artigos (Resumo, *abstract*, mais de 500 palavras de texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão também ter permissão por escrito do Editor e dos Autores.

Endereço para Encaminhamento:

A remessa de trabalhos para publicação bem como toda correspondência de segmento que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Revista Brasileira de Sexualidade Humana.

A/C Ana Cristina Canosa Gonçalves

Rua Comendador João Gabriel, 67

Cep 04052-080 São Paulo, SP.

E-mail: acanosa@uol.com.br

Editorial

Nossa querida amiga Amparo nos deixou. E para preencher o vazio de sua falta, como disse ela em relação às tensões sexuais, (Caridade, 1997) precisamos fazer algo para suportar a inquietação. Uma das formas de contornar o desassossego é escrever. Assim, convidada por Paulo Canella, Maria Luiza e Ana Canosa, iniciamos a organização de um número especial da Revista da Sbrash. Número intitulado - *(Con)Tatos e Cheiros de Maria do Amparo Rocha Caridade*, pois acredito que seria através dos sentidos, que ela gostaria de ser lembrada, e era “com um cheiro”, que sempre se despedia dos amigos.

Amparo, mulher inteligente, afetiva, sensível, bonita, forte, dinâmica, guerreira e amiga. Esposa de Mário, mãe de Gabriel e Rodrigo - além é claro de ser uma Vovó muito coruja. Psicóloga clínica, mestre em Antropologia, Prof^ª. da Universidade Católica de Pernambuco, Coordenadora de Curso de Pós graduação em Sexualidade Humana, nesta Universidade, Membro fundador da ISES – Instituto de Sexologia e Educação Sexual em Recife, Colunista de Jornal em Recife sobre Sexualidade, Membro da Sbrash desde o primeiro Congresso da Sociedade, no Rio de Janeiro em 1989; processo que daí em diante não mais parou. Presente em Artigos para a Revista, Participante em mesas, trabalhos, conferências, Comissões, Conselhos, Diretoria e por fim, uma árdua e coroadada tarefa, a organização do IX Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, em sua querida e nordestina cidade – Recife. Atualmente encontrava-se como Vice presidente da Sociedade e certamente fará imensa falta em todo e qualquer evento de Sexologia do país.

Oxalá em outra dimensão, já tenha encontrado Jean Claud Nahoum, Araguari Chalar Silva e Nelson Vitiello, time de bambas da sexologia, que estará vibrando com a delicadeza própria de sua chegada. E certamente, pela presença de um expoente feminino entre eles, dar-se-a início à organização, de mais um Congresso Transuniversal, agora em Sexualidade Humana e Relações Afetivas.

Em *(Con)Tatos e Cheiros de Maria do Amparo Rocha Caridade*, encontram-se todos os textos já publicados em números anteriores de Revistas da Sbrash, o primeiro e o último capítulo de seu livro – *Sexualidade: Corpo e Metáfora*, antigos artigos mas, com idéias sempre atuais de 1990 e 1991, publicados na Revista *Sexus* e Resumos em *Anais de Congressos Brasileiros da Sbrash*. Além, de seu último texto publicado na *Seção Opinião do Jornal Diário de Pernambuco*, de fevereiro de 2010.

Maria do Carmo de Andrade Silva



(CON)TATOS E CHEIROS*

Maria do Amparo Rocha Caridade

Org. Maria do Carmo de Andrade e Silva¹

· Foto cedida por Marcos Ribeiro, feita durante o XI Congresso Brasileiro de Sexologia de 2007 em Recife, PE.
· N.E.: A fim de adequar às normas da revista, títulos em inglês e abstracts foram traduzidos (e criados, no caso de palavras-chave e keywords) do original, principalmente dos textos antigos. Algumas citações não puderam estar acompanhadas do número da página da obra referida.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Psicologia, Livre Docente em Sexualidade Humana, Prof^ª. do Departamento de Medicina da Universidade Gama Filho, RJ, Coordenadora do Ambulatório de Sexologia e Psicossomática do Hospital Municipal da Piedade.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO – SEÇÃO *OPINIÃO*

A DOR E ALEGRIA DE NASCER.

Amparo Caridade¹

PAIN AND JOY OF BIRTH.

Nascer, viver e morrer, não são momentos datados na vida, são processos que acompanham o existir do ser humano. Existimos enquanto corpos, enquanto sujeitos, enquanto totalidades. Enquanto corpo, nascemos um dia de um outro corpo, mas enquanto sujeitos, nascemos a cada dia, a cada realização, a cada descoberta, a cada gesto. Nascemos quando criamos algo, ou quando fazemos reparação de atos indevidos. Nascemos quando colocamos no mundo um novo ser.

Nascemos quando produzimos bem-estar. Nascer, não é apenas o ato de chegar ao Mundo, é um processo que se inicia aí, mas que só termina com a morte. Na verdade, nascemos, vivemos e morremos a cada instante. Viver, é também um processo, e ele não acontece apenas no ato físico de ter um corpo vivo. O corpo pode estar vivo, mas o sujeito pode ter sido sacrificado nele.

Vivemos como sujeitos quando somos nós mesmos, quando amamos o que fazemos. Vivemos nos projetos que temos, nas contribuições que damos à vida, ao mundo, às relações. Vivemos naquilo que construímos e deixamos atrás de nós, como ação fincada no solo da coletividade, como marca identitária da passagem que fizemos pelo planeta. Morremos quando o corpo deixa de viver, mas morremos sobretudo, nas negações que fazemos de nós mesmos, nas anulações do eu, nas derrotas da auto-estima, na banalização da vida.

A dor como a alegria tornam-se parceiras do existir, na costumeira solenidade do cotidiano, desde o nascer, o viver até o morrer. Esses processos são acompanhados de emoções intensas quando a elas nos permitimos. O bebê nasce em meio a dores e intensas alegrias, dos pais, dos familiares, dos avós. Quando o evento de um nascimento querido, acontece distante de nós,

· Artigo publicado na seção *Opinião* do **Diário de Pernambuco** – 21 de fevereiro de 2010

¹ Professora da UNICAP.

essas emoções invadem o imaginário numa presença totalizadora, numa proximidade quase alucinatória.

O telefone permite ouvir a voz, o choro, a floricultura faz presente a ternura, a internet deixa ver fotos de preciosos momentos. São mediadores desse universo encantado, mas não eliminam a expectativa, a espera do contato. À distância vivem-se as inquietâncias do ato de nascer, vivem-se as dores do parto, as contrações, respirações, num acompanhamento ansioso, numa espera quase interminável. Nascer dá trabalho. Otto Rank referia-se ao nascimento como sendo um momento traumático para o bebê. Mas, nascer também mobiliza, encanta, modifica os afetos, os sentidos o mundo e os outros.

O que acontece ao bebê, acontece também a cada um de nós, em cada nascimento que fazemos para uma etapa melhor do existir. O momento pode ser doloroso, mas também fértil e promissor de alegrias intensas. O mundo da imaginação fútil postula que a vida seja sem dor, que seja fácil, o que pode se tornar uma espera alienante. Nascer dói, mesmo assim não temos escolha. Se o bebê não nasce, morrerá. Nascemos e renascemos a cada instante, sem o que, estaremos abortando o próprio eu.

A vida se recicla a cada nascimento. O bebê é promessa. Promessa de imortalidade, caricatura da felicidade impossível. O filho, o neto, recicla a família e seus afetos. Nasceu Fernandinho, cheio de promessa e luz. É puro encanto aos olhos de todos que amam seu vir a ser. É promessa de ternura tanta, que chego a senti-lo, sem ainda tê-lo tido nos braços.

Nasceu Nathan, que em hebraico significa "Deus me deu". Os filhos são doações de Deus ao mundo necessitante de renovação, de paz, de ternura, de amizade. Seria pobre esse mundo, se os bebês não viessem dar-lhe nova luz! Popularmente diz-se que a mulher "dá a luz". O bebê é a luz que a mulher dá ao mundo. Na sabedoria do povo, intui-se a renovação que um novo ser traz à vida. *"Cada criança que vem ao Mundo diz: Deus ainda espera alguma coisa do homem"* diz Tagore.

SEXUALIDADE: CORPO E METÁFORA

RAZÕES DESSE ESCREVER

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

REASONS FOR THIS WRITING

Resumo: Neste capítulo, questionamos sobre a necessidade de escrever sobre um tema, já por tantas vezes escrito, como o da sexualidade. Embora sem resposta para a indagação, sei que uma aflição interna em cada um de nós, que quer expressão, usa o ato de escrever, como uma das formas de domesticar o desassossego, que é existencial, mas também epistemológico.

Palavras-chave: Por que escrever?. Sexualidade. Aflição.

Abstract: In this chapter, we question the need to write about a topic already covered many times, such as sexuality. Although without answer to the above issue, I know that an internal distress in each person who wants to communicate, the act of writing is a way to tame our anxiety both existential and epistemological.

Keywords: Why write?. Sexuality. Distress.

“A escrita caminha como um corpo falante”
Samira Chalhub

Penso que há, em cada pessoa, um livro a ser escrito, uma obra a ser produzida, sobretudo, quando o tema em questão é a sexualidade. Neste sentido, seríamos todos potencialmente competentes para isso. Desde muito cedo fazemos descobertas, vivemos enamorados, intensas sensações, escrevemos poemas apaixonados, construímos uma bagagem de experiências amorosas que é singular, única, própria e inédita. Talvez por essa “competência básica” que existe em cada um e pelo direito e necessidade que se tem de expressá-la é que proliferem os discursos e os livros acerca da sexualidade. Haverá ainda o que dizer num momento histórico “em que o sexo parece ter feito seu completo strip-tease”, como diz Jurandir Freire. Quanto a isso, ele mesmo considera que não há palavra final sobre o tema.

· Capítulo 1 do Livro - *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997, p.17 - 21.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Antropologia. Profª. Adjunta da UNICAP – Recife, PE.

Mas pergunto-me por que insistimos em escrever sobre o que já foi tantas vezes escrito? Por que nos esforçamos para dizer algo que outras pessoas o fizeram melhor que nós? Por que a inquietação, até que tentemos? Embora fique sem resposta a indagação, sei que uma aflição interna em cada um de nós, quer expressão e o ato de escrever é apenas uma das formas de domesticar esse “desassossego”, que é existencial, mas também epistemológico. Cada indivíduo procura seu caminho. Pessoalmente, admiro e invejo os artistas plásticos, porque vejo, em cada obra feita, uma tarefa bem concluída, mesmo sabendo que para eles a obra está inacabada. A idéia de coisa acabada parece-me impossível ao escrever, mesmo que se tenha como resultado concreto um livro escrito. Essa tarefa interminável e insatisfatória caracteriza também a aflição de que falo. O ato de escrever apenas põe limites seja ao tema seja a inquietação existente.

As sensações de incompletude de uma obra são muito semelhantes ao que se pode dizer da sexualidade, como se ambas procedessem da mesma fonte energética e possuíssem as mesmas características de inquietação, busca e insatisfação. Tudo é muito inconcluso, mas é exatamente isso que nos faz tender pelo menos a uma aproximação da completude, do melhor, do mais perfeito.

Escrever é também um ato movido por uma pulsão catártica. A catarse torna-se possível quando se consegue encontrar imagens, expressões que digam (pelo menos parcialmente) do conteúdo que nos possui. Uma sedução perpassa essa busca da imagem que fale. *“Por isso é que a verdade da sedução é quando o imaginar, que ela saturou por completo, estoura, precipita-se em sua própria encarnação e, de repente, anima-se com sua própria decomposição, transformando-se em criação viva, numa nova linguagem”* (SBONY, 1991). Essa recriação, via decomposição e transformação da idéia, é o que seduz e o que confere ao texto algum valor e beleza.

O que tento transmitir neste ensaio já foi dito antes por tantos autores que me antecederam no gosto e no gozo de escrever sobre a sexualidade. Rigorosamente, nada é novo, teoricamente falando. Conforta-me imaginar que esse novo tão desejado acontece dinamicamente, isto é, algo é recriado e suscita no leitor um movimento talvez inesperado, mas numa via de mão dupla: o que foi escrito e a singularidade de codificação de quem o lê. Nessa interação, é possível a vitória do sentido. É isso que é novo.

A necessidade de escrever algo põe em exercício a sedução através da linguagem. Aí brinca-se com as palavras, descobrem-se novos sentidos, inventam-se emoções, tudo para embelezar

o que é dito e para mobilizar no outro a emoção. Neste sentido, usa-se a palavra não só para se ser compreendido, mas também para se ser amado por esse leitor desconhecido que, talvez, jamais se chegue a conhecer. Coisa lamentável e interessante ao mesmo tempo, porque há um tom de mistério que é bom seja mantido nessa comunhão.

Toda essa sedução terá de satisfazer-se com a resposta silenciosa do leitor em suas reações pessoais ao texto. Resta o imaginário. A certeza de que uns se beneficiam, outros criticam, encantam-se, afinam-se ou não com as idéias é certeza imaginária. O contato é estabelecido via escrita. O desejo é a comunhão. Talvez menos, a generosidade da partilha intelectual, que é pequena, e mais, a ambição da grande comunhão com o outro o mais diverso possível. Vontade de pluralizar-se, de viajar por outros imaginários, ser cidadã desses imaginários.

Há tempo interesse-me pela questão da sexualidade. Trabalhei-a numa dissertação para o Mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco, em 1986, sob o título “*Sexo, Mulher e Punição. A Sexualidade Feminina numa Instituição Penal*”. A partir de então passei a desenvolver outros trabalhos e a participar de diversos Congressos e eventos ocorridos no país, de modo que alguns dos temas aqui expostos já foram tratados nesses encontros e alguns destes inclusive publicados. Participo da SBRASH – Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, desde a sua criação, em 1989, por ocasião do primeiro Congresso Brasileiro no Rio de Janeiro. Aprendo muito por esses caminhos trilhados, pelas leituras e trabalhos desenvolvidos.

Particularmente aprendo e enriqueço-me com a escuta clínica, razão porque sou especialmente grata aos meus clientes. Tenho tido o privilégio de ouvi-los em suas dores e alegrias, acertos e desacertos, face aos projetos que têm de ser felizes. Talvez, por essa experiência de ouvi-los tenha produzido textos com a marca da intimidade. Tenho aprendido que o melhor que é vivido em termos sexuais carrega essa marca.

Trato simplesmente a sexualidade como isso que rodopia em nós, de mais corporal, mais simbólico e transcendente. Algo que viaja em nós via sentidos, exige satisfação, quer expressão e transcendência. Por isso, contextualizo-a em meio à vida dotada de significação. Postulo que não se perca de vista o encantamento, a paixão e o prazer como as mais belas expressões do ser sexual. São formas de comunicação-comunhão, de certo, perpassadas de mistério, assombro e tranqüilidade. A metáfora impõe-se para uma aproximação do inominável tão freqüente nessas experiências. “*Mutilamos a realidade do amor quando a separamos de toda sua irrealidade*”, penso como Bachelard (1988). A poesia será nesse

terreno, mais eficiente que o discurso científico. A metáfora tem tanta força expressiva do mais íntimo que ela também pode nos consolar da ausência do outro, quando se dá a separação. Metaforizar a dor amorosa é especialmente catártico.

Postulo, ainda, que as indisposições sexuais que se apresentam em muitas pessoas têm algumas de suas raízes no obscurecimento das dimensões que são capazes de humanizar e tornar mais plena a experiência. A embriaguez do culto à performance imposta pelo efêmero, pelo veloz da época faz perder de vista a magia que se esconde no pormenor amoroso. Os gestos simples tornam-se imensos porque cheios de promessa encantada. Mas, o amante desatento não pode percebê-los.

Talvez, tudo isso pareça pouco afinado com as exigências da rapidez dos dias atuais. Sei, porém, que o gozo e o amor não têm pressa. A capacidade de “perder tempo” é condição necessária ao “encontrar o prazer” mais intenso. Algo de ingênuo perpassa o texto que talvez não pudesse ser diferente, pois penso que o que há de criativo e libertador na sexualidade desfaz-se das tramas da eficiência adulta e passa pela porção criança que subsiste em nós, promovendo êxtases indescritíveis e agonias inconsoláveis. A sexualidade é tudo isso e mais além que isso. Ela se situa no corpo, na experiência comum e também no extraordinário, como quem procura um ponto na experiência comum e também no extraordinário, como quem procura um ponto culminante.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. **Poética do Devaneio**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

FREIRE, J. *apud* COTONNÉ, P. **A Sexualidade Ontem e Hoje**. Cortez Ed.

SIBONY, D. **Sedução**. São Paulo, Brasiliense, 1991.

DES(IDEALIZANDO)

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

GETTING RID OF IDEAL MODELS

Resumo: Des-idealizar é trazer a experiência do plano divino para o humano. Divinizar o outro ou a relação é próprio do estar apaixonado, mas não permanecemos indefinidamente nesse estado. O cotidiano abrandando o fogo da paixão e eis-nos de volta ao real, à luta pela sustentação da qualidade da relação. Algo que supõe mais uma forma cuidadosa de manutenção da chama do que a satisfação impulsiva do desejo incontrolável, próprio do estar apaixonado. Paixão é um estado maravilhoso e provisório. Vivências apaixonadas são experiências que integram projetos de felicidade. Na trajetória amorosa, como em tudo, desejamos a felicidade. Mas, ela não é previsível, controlável, não a possuímos, dela não nos apropriamos. Ela não é do tamanho do nosso sonho. Realisticamente, a felicidade não existe em si mesma. O que dela conhecemos são os momentos felizes que conseguimos viver – momentos que são metáforas do admirável.

Palavras-chaves: Paixão. Relação amorosa. Prazer.

Abstract: Deidealize is to bring the experience of the divine plan to the human field. Divinization of the other or of the relationship is related to being passionate, but we not stayed indefinitely in this state. Everyday's life slows the fire of passion and here we are back to be real struggle for sustaining the quality of the relationship. This real struggle assumes more effective maintenance of the flame than when there was an uncontrollable impulsive satisfaction inherent to being in love. Passion is a wonderful and interim state. Passionate experiences integrate happiness projects. In loving experiences, as in everything, we want our happiness. But, it is not predictable, manageable, we can not possess it and we cannot seize it. It is not the size of our dream. Realistically, happiness does not exist in itself. What we know from it are the happy times we live – moments that are metaphors of the brave.

Keywords: Passion. Loving relationship. Pleasure

“Mas assim que se aceite o fato de que até mesmo entre os seres humanos mais próximos continua a existir uma certa distância, uma maravilhosa vida lado a lado pode florescer, se essas pessoas tiverem êxito em amar a distância entre eles, que torna possível que cada um veja a integridade da outra contra o amplo céu”. Rainer M. Rilke

Um tom de otimismo perpassou essa escrita e parece paradoxal encerrá-la com uma (des)idealização, seja do texto, seja das vivências que nele reflito. Isso, contudo, se faz necessário para que a relação amorosa possa ser percebida e sentida do modo mais humano possível, isto é, como de fato ela ocorre. Des-idealizar é trazer a experiência do plano divino para o humano. Divinizar o outro ou a relação é próprio do estar apaixonado, mas não

¹ Capítulo 14 (Des)Idealizando. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997, p. 147-51.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Antropologia. Profª. Adjunta da UNICAP – Recife, PE.

permanecemos indefinidamente nesse estado. *“Era paixão, e a gente ainda brigava pelo reinado”*.

O cotidiano abrandando o fogo da paixão e eis-nos de volta ao real, à luta pela sustentação da qualidade da relação. Algo que supõe mais uma forma cuidadosa de manutenção da chama do que a satisfação impulsiva do desejo incontrolável, próprio do estar apaixonado.

Paixão é um estado maravilhoso e provisório. Nenhuma minimização, porém, o provisório quer, aqui, significar. É a vida em sua ânsia do sempre mais. Tão pouco implica que as vivências apaixonadas não valem a pena por serem tão provisórias. Valem, sim. Elas são experiências que integram projetos de felicidade. Por mais dolorosa que seja essa provisoriedade o indivíduo pode sair enriquecido existencial e emocionalmente da experiência.

Penso num valor que é inerente aos projetos que fazemos de ser feliz. Há uma intencionalidade nesses projetos que estrutura positivamente a busca e facilita a consecução dos objetivos frente à vida e ao que dela pretendemos. Embora nem sempre seja possível realizar o projeto que se tem em mira. Dificuldades e até insucessos interpõem-se na busca que se dialetiza. Isso faz parte do processo. Lembro-me de um insucesso vivido que me valeu uma grande aprendizagem. Oferecendo-me seu apoio Mário Caridade me fazia ver o quanto a luta é digna em si mesma e que necessariamente ela não tem que resultar em vitória. Falava-me de uma dignidade que é inerente ao lutar. Compreendi que, de fato, não haveria muito mérito em lutar se já contássemos com a certeza do sucesso. Foi uma aprendizagem extremamente significativa e valiosa, pela qual sinto um definitivo estado de gratidão.

Creio que a luta amorosa tem também essa dignidade, esse sentido que lhe é inerente, mesmo que não se alcance o cume da experiência. Retalhos de gozo são bem – vindos ao existir mesmo que não nos bastem. Seria miséria erótica se nos bastassem. Contudo, valem enquanto gozo e expressão de busca. Na idealização de se viver apenas o amor extraordinário, perdem-se ocasiões de vivências importantes, ou, mantém-se num estado de pobreza, de miséria amorosa. Não podemos é nos deter ante as máximas do “até que a morte nos separe”, ou seja, “pelo resto da vida”. Na verdade, “resto da vida” é tudo aquilo que se vive ao final de cada etapa. Assim, atravessamos muitos “restos da vida”, porque ela se sucede em estágios que nascem desses finais.

Questiono-me, ainda, sobre o que saberíamos da emoção mais densa se não ensaiássemos a paixão, o amor, a partilha do sonho e do gozo de ser feliz. Nesse sentido, a experiência é

válida mesmo que não dure eternamente. O que se faz (e)terno é o gesto, por mais breve que seja. Por isso, é tão importante que aprendamos os gestos que valem a pena ser eternizados e evitemos aqueles que ferem o eu do outro.

Na trajetória amorosa, queremos, como em tudo, a felicidade. Mas, ela não é previsível, controlável, não a possuímos, dela não nos apropriamos. Ela não é do tamanho do nosso sonho. O sonho é sempre maior. Na verdade não podemos pensá-la concretamente como algo objetivo, que está ali e pode ser definitivamente alcançado. Ela não está nas coisas, no outro ou nos nossos projetos. Realisticamente, a felicidade não existe em si mesma. “*Só para a criança a felicidade pura é possível*”, diz o provérbio chinês. O que dela conhecemos são os momentos felizes que conseguimos viver – momentos que são metáforas do admirável, que escondem uma eternidade.

Viktor Frankl (1978) indica o movimento da felicidade como procedendo de dentro para fora do sujeito e a insere no contexto do sentido da vida. Dessa forma, entendo que a felicidade como o sentido da vida são buscas internas da pessoa. Perdemos tempo em buscá-los fora de nós. O que está fora apenas acorda o que existe dentro. Nessa perspectiva, o autor sugere que não encontramos a felicidade em si, mas razões para sermos felizes. Penso que estas razões estão em nós e à nossa volta, mas frequentemente as desperdiçamos ou nem as percebemos. Permanecemos na utopia de uma felicidade avassaladora. Ora, os motivos que nos fazem felizes podem ser muito pequenos e, no entanto, preciosos. Talvez tenhamos que relativizar a grandiosidade do sonho para encontrar os motivos simples que viabilizem felicidades.

Idealizamos muito porque ansiamos pelo maravilhoso, o melhor e o mais bonito. Sonho legítimos. Mas não podemos olvidar que o maravilhoso esconde-se nas coisas simples. É o olhar interno que plasma o extraordinário, que o inventa e o descobre nas mais diversas circunstâncias. Um olhar, um afago, a roupa que o outro veste para agradar, a inteligência, a graça com que conduz a vida, o jeito próprio de amar, a flor que se abre sob a nossa janela, o sol que brilhou depois da chuva, tudo pode acordar o extraordinário em nós, quando estamos abertos aos gestos do outro, aos movimentos da vida.

Mas, também, outros gestos podem fazer adormecer, inibir em nós o encantamento do extraordinário: a incapacidade do outro dizer que ama, seu ritmo bio-existencial em descompasso, sua incompetência gestual, sua cristalização no igual, sua morosidade no criar. Tudo pode ser ora maravilhoso, ora frustrante.

“O amor, esse sufoco,
agora há pouco era muito,
agora, apenas um sopro
ah, troço louco,
corações trocando rosas,
e socos.”

(LEMINSK, , *apud* CHALHUB, 1993)

Estagnamos a relação se nos detivermos na ilusão da perfeita unidade, na utopia da completude, se não pudermos suportar e amar o outro como ele é: insuportável e maravilhoso. Diria que a relação amorosa é uma busca inquietante e que isso promove um “desassossego” que nos faz permanecer num devir constante.

É no contexto de dores e alegrias que experimentamos o que há de mais denso emocional e sexualmente. O difícil é admitirmos que a realidade amorosa tem essas duas faces. Qualquer parte dela negada nos torna mais pobres experiencialmente. Porque assim é a vida, a existência, o sexo, a música, o universo, as pessoas em relação: *“Não a autocracia de uma única melodia teimosa de um lado. Nem a anarquia de ruídos não testados do outro. Não, um delicado equilíbrio entre ambos; uma liberdade iluminada.”* Bach.

Referências bibliográficas

FRANKL, V. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LEMINSK, P. *apud* CHALHUB, S. **Poética do Erático**. São Paulo, Ed. Escuta, 1993.

REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA

A ARTE ERÓTICA, A FANTASIA E O DESEJO SEXUAL

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

THE EROTIC ART, FANTASY AND SEXUAL DESIRE

Resumo: O sujeito amoroso vive a sexualidade no real de seu corpo e para além dele. Na busca amorosa sexual que faz, ele depara-se com dimensões outras que integram sua experiência humana e sexual: as normas da cultura, o simbólico da linguagem, a sedução, a fantasia, o olhar do outro. Na vivência do prazer, a arte erótica, a fantasia, a sedução o desejo têm lugar central. Nesse movimento de encontrar e partilhar a sexualidade com alguém reafirma-se o quanto se necessita das referências simbólicas que possibilitam transportar nossa experiência para além do real do corpo que somos. A cultura normatiza as vivências sexuais, mas também cria condições mais encantadas e fantasiosas aos apelos do desejo humano.

Palavras-chave: Sexualidade. Arte erotica. Fantasia. Sedução. Desejo.

Abstract: The lover person lives the sexuality within the reality of his/her own body and also beyond this boundary. Seeking the sexual love, he/she faces other dimensions that are added to his/her sexual and human experience: the cultural rules, the symbolism of the language, the seduction, the fantasy, the others look. In living the pleasure, the erotic art, the fantasy, the seduction, the desire, play the central role. In the movement of finding and sharing the sexuality with someone, the necessity for symbolic references that expand our experience to outside the boundaries of our limited body is enhanced. The culture establishes norms to the sexual experiences, but also creates more fantasy and fairy conditions to the human desire appeal.

Keywords: Sexuality. Erotic art. Fantasy. Seduction. Desire.

Da arte erótica

A vida em nós procede da suposta amorosidade entre dois seres humanos, o que é um belo começo. Somos síntese, fruto da partilha amorosa de seres que se atraem, se juntam e se desdobram noutro ser. Mitologicamente falando, seríamos filhos de Eros, o deus grego do amor, da afrodisia, que, nos tempos primitivos, era considerada um dos grandes princípios do universo. Eros representava a força poderosa que faria todos os seres se atraírem uns pelos outros e por ele nasceriam e se perpetuariam as raças.

Segundo a Mitologia, Vênus, mãe de Eros, preocupava-se, porque ele não crescia. Como permanecia menino, ela perguntou a Têmis a razão disso. O menino respondeu Têmis só cresceria quando tivesse uma companhia que o amasse. Vênus, então, deu ao filho por amigo

· Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 18(1), 2007, p. 179-89. São Paulo: Iglu, 2007.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Antropologia. Profª. Adjunta da UNICAP – Recife, PE.

Anteros e observou que, quando eles ficavam juntos, Eros crescia, mas voltava a ser menino depois que Anteros o deixava. O mito faz essa narrativa e conclui: É uma alegoria cujo sentido é que o afeto necessita de ser correspondido para desenvolver-se (MÉNARD, 1991, p. 10).

Um dos sentidos do termo erótico provém de Eros, esse deus grego do amor, que só cresce quando o afeto é correspondido. O erótico não se confunde com o amoroso, embora ambos tenham por tema comum o amor. Mas, qual o sentido da erótica? O que ela acresce ao sexual? Possibilita, de certo, deter a velocidade do tempo para que não se apaguem os laços, os traços do já vivido, pois o instante de prazer é muito fugaz.

Visto nessa ótica de deter a velocidade do prazer final, a fim de não consumi-lo rapidamente pelo contrário, degustá-lo o termo erótico nos remete a uma nova forma de compreensão. O termo aloja-se na cultura, como algo da ordem do revelado, do mostrado, do exposto, do realizável imediatamente. Mas o mito de Eros destaca a idéia de que o amor cresce em companhia, em troca, ou cumplicidade. Razão por que, o erótico é algo que acontece entre duas pessoas, quer em breve passagem, em relação demorada, mas em troca cúmplice e velada. No entre duas pessoas é que o erótico se manifesta vertente, de certo modo, silenciosa, discreta, inquieta e atuante. Por que falamos de arte e erótica? Porque o sexo simplesmente não nos basta, e não nos basta porque somos o real do corpo, mas também o mais além dele, ou seja, linguagem e cultura. A sexualidade está nesse entrelace: do real do corpo, do simbólico da linguagem e do imaginário da cultura.

A erótica é uma dimensão da experiência sexual que supõe estética e ela se manifesta pela palavra, olhar, arte, mistério, gesto, risco, beleza, esperteza.

Estudando a imaginação erótica, Stoller (1998, p. 60) se diz esteta e descreve assim a construção da excitação erótica:

[...] é toda ela tão sutil, complexa, inspirada, profunda, fluida, fascinante, aterradora, problemática, imersa no inconsciente e assombrada pelo gênio quanto a criação de sonhos ou arte. A excitação daí procedente é vista como uma tensão dinâmica, que ainda não é prazer, satisfação, um final, uma resolução, mas sim antecipação, uma provocação, uma miríade de possibilidades (idem, p. 66).

Estética e erotismo constituem criações cujo propósito é embaçar ou evitar a realidade simulando algum aspecto da realidade, inclusive a realidade psíquica, tal como as emoções (STOLLER 1998, p. 67) A excitação é um tatear, é incerteza, é percurso. Por isso, simulação torna-se aqui palavra crucial, porque Realidade demais é exatamente demais (idem, p. 67).

Quando podemos controlar essa dosagem, fazer o roteiro, dirigir a representação, o campo da excitação fica preparado. Para a maioria de nós, a realidade sem adornos seria muito agressiva. Somente uma aproximação com rodeios é possível “[...] *os devaneios funcionam no sentido de alterar a realidade*” (idem, p. 73). Tais rodeios podem ser fonte de arte, porque a estética aí funciona também como um jogo. Existem poucas verdades eternas na arte ou no erotismo, pois tudo depende da interpretação de certo modo, é uma questão de opinião. Mas, tal qual um enredo de peça teatral, cada detalhe conta.

Georges Bataille (1987) fala do erotismo como atividade diferencialmente humana um fato de cultura, portanto que não se preocupa apenas com o prazer em si e também não faz parte da experiência animal. O autor chama a atenção para o fato de que curiosamente se estimula bastante o prazer não na liberdade de persegui-lo, mas no interdito de fazê-lo. Ele lembra que o interdito sempre andou de mãos dadas com a transgressão é o conhecido gosto do proibido. É esse interdito que cria o desejo e constitui também a essência do erotismo.

Segundo o mesmo autor, o erotismo está presente tanto nos corpos quanto nos corações e até no sagrado.

[...] O erotismo dos corpos tem algo de pesado, de sinistro... O erotismo dos corações é mais livre, Ele se separa na aparência, da materialidade do erotismo dos corpos, mas dele procede, não passando, com frequência, de um seu aspecto estabilizado pela afeição recíproca dos amantes (BATAILLE, 1987, p.18)

Como se define o erotismo pelo secreto, ele não pode ser público e talvez gere certa solidão. “*A experiência erótica se situa fora da vida ordinária*” (idem p. 234), e produz em nós emoção muito intensa. “*Talvez seja vizinha da santidade*” (idem, p. 235), explica ele. Um exemplo por ele citado são os arroubos místicos descritos por Santa Tereza D’Ávila os quais são de grande riqueza erótica, mas neles predominam as metáforas:

[...] Eu vi então que ele tinha uma longa lança de ouro, cuja ponta parecia de fogo e senti como se ele a enterrasse várias vezes em meu coração, transpassando-a até minhas entranhas. Quando a retirava, parecia também arrancá-las e me deixava esbraseada do grande amor de Deus. A dor era tão grande que me fazia gemer e, no entanto a doçura dessa dor excessiva era tal que eu não podia querer livrar-me dela. (BATAILLE, 1987, p. 210).

Essa descrição exprime uma experiência em tudo semelhante a uma relação sexual muito prazerosa. As imagens da longa lança de ouro da ponta que parecia fogo, como se ela entrasse várias vezes em mim transpassando até minhas entranhas são metáforas de todo o gestual de uma intensa relação sexual. Quem pode negar o ardor desse prazer? Contudo há pensadores que concebem esses tipos de experiências místicas como sexualidade transferida, logo, conduta neurótica. De fato, a incapacidade de experienciar isso no real do corpo e no ser que

se é, talvez indique uma inadequação que convém levar em conta em termos da busca de ser feliz sexualmente.

O corpo sexual é atravessado pelo simbólico da linguagem, o que nos possibilita subverter a ordem estabelecida pelo biológico, adiar a satisfação, deter o tempo, ruminar, saborear, dar sentido ao vivido. A linguagem entranhada no corpo, instaura um debate silencioso de desejos disfarçadamente encantados. *“Nessa intenção sempre adiada, brota o desejo”* acredita Chalhub (1993, p.17). A imaginação produz esse efeito. Uma fluência verbal produz-se no silêncio e nele pode acontecer a fígada do desejo. Também segundo Octávio Paz (1994, p. 12), a imaginação move o ato erótico e o poético: *“[...] a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo.”*

No ser humano, nada determina que a sexualidade seja apenas ação do corpo. No entrelace do corpo, com a linguagem e a cultura, descobre-se a dimensão lúdica, a vontade de prazer; aí já não precisamos transar apenas para procriar, mas também para viver o prazer, encontrar alguém, amar, brincar a vida. O erótico se situa na vertente do incerto, do silencioso, do brincante e até do misterioso. O outro é imprevisível, difícil de apreender, de segurar, de conter, mas atrai exatamente onde nos escapa.

A alma é erótica, no entender de Adélia Prado (1991, p. 201), mas ela queixa-se quando isso lhe escapa: *“De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo...”* Pelo exposto, o corpo do desejo não é tão óbvio assim: é lugar de deciframentos, porque o erótico tem alma, tem mistério.

“O homem é o único ser vivo que não dispõe de uma regulação fisiológica e automática de sua sexualidade”, confirma Octávio Paz (1994, p. 16). Qualquer aderência ao real do corpo como única forma de viver a sexualidade nos faria perdidos de nossas potencialidades eróticas.

Buscamos fora um objeto para o desejo, mas esse objeto nos atrai na medida em que responde à interioridade do desejo. Quando escolhemos o objeto, entra em jogo com frequência, um aspecto indizível, não uma qualidade objetiva daquela pessoa, que talvez não tivesse, se ela não nos tocasse o ser interior, nada que nos forçasse a escolhê-la especialmente. A escolha humana difere da do animal: ela apela para essa mobilidade interior, infinitamente complexa, que é típica do homem diz Bataille (1987, p. 27). Nesse contexto, o erotismo nos causa certo transtorno, porque coloca nosso ser em questão. O animal também vive desequilíbrio diante do sexo, mas ele não sabe disso, porque não se põe em questão. Nele nada acontece que se

assemelhe a uma interrogação. Bataille estabelece a diferença:

[...] se o erotismo é a atividade sexual dos homens, o é na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal. (BATAILLE, 1987, P. 28)

Embora o erotismo comece onde termina o animal, não há dúvida de que a animalidade continua sendo seu fundamento. A sexualidade física está, de certo modo, para o erotismo assim como o cérebro está para o pensamento: a fisiologia permanece o fundamento objetivo do pensamento. Nessa metáfora, o erotismo é um desequilíbrio em que o próprio ser se põe, conscientemente, em questão. Ao questionar o sujeito se perde: perda voluntária, flagrante, desconcertante, ninguém pode duvidar do que lhe aconteceu. O erotismo tornou-o perdidamente tocado, escancaradamente atingido, visivelmente fulminado, impactado, fora da normalidade de seu viver.

Só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica. O erotismo leva o ser humano, ao mesmo tempo, a ser social e humano, humano e animal, além de si mesmo. O erótico reduzido à visão em que prevalece a explicitação constitui a base da liberação. Mas é a liberação quem abre caminho para a percepção do sentido do erotismo. Por vezes, confunde-se o erótico com o pornográfico, porém a diferença está em que, enquanto o erótico se expande na criatividade, o pornográfico se esvazia em si mesmo, na mostra repetitiva. O fato erótico é sutil, complexo, de certo modo misterioso; induz a caminhos desconhecidos, novos, fascinantes e assustadores. Essa dimensão está no homem, na interação de sua humanidade com sua animalidade.

Do erotismo, Bataille avança pela Filosofia e diz:

[...] somos essa abertura a todo possível, essa espera que nenhuma satisfação material acalmará e que o jogo da linguagem não saberia iludir! Estamos à procura de um ponto culminante ... a humanidade toda aspira a esse ponto, que só ela o define, que só ela justifica e lhe dá sentido. (BATAILLE, 1987, p. 253)

Por fim convém lembrar não falamos de experiência interior e do erotismo enquanto cientistas. Fazemos isso do lugar de seres pensantes, encantados e desejantes que somos. Portanto esta escrita não é científica, nem pretende sê-lo. Ela requer comunhão do leitor, para a ressonância destas idéias.

A fantasia e a sedução

Fantasia é *Obra da imaginação*, diz o Aurélio. Fantasiar seria criar, imaginar, idealizar. Uma relação já se percebe aqui entre fantasiar e idealizar. Como a fantasia é sempre maior que a realidade, idealizamos, quase sempre, para além de nossas possibilidades. Fantasiamos sobre

aquilo que gostamos, que idealizamos e que nos falta. Fantasiamos sobre aquilo que gostaríamos de que o outro adivinhasse para nós. Fantasiamos o que vai mais fundo em nós, talvez o mais guardado, o mais proibido, o mais desejável, o não dito, o inacessível. A fantasia diz que quebra a rotina, ou seja, tira-nos do lugar comum, quem sabe? Conduz-nos a outras dimensões da vivência habitual. É como se o princípio do prazer fizesse um pacto com o princípio da realidade e dissesse: Com licença, eu vou sonhar. Aí se reconhecem não só os limites da realidade, mas também a concessão desta ao universo do desejo. A fantasia vem dizer que desejar não é proibido; pelo contrário, trata-se de lei universal. Contudo, fantasiar pode induzir a vôos para além do concebível à primeira vista. Há fantasias simples, sutis e outras muito profundas. Com relação à da mulher, Juan Nasio (1997, p. 189) comenta: Na fantasia da mulher, o objeto mais precioso, o falo, é o amor que vem do amado, e não o próprio amado. Assim, a angústia especificamente feminina é o medo de perder o amor e ver-se abandonada.

Um princípio de incerteza perpassa, assim, a sexualidade, a sedução, a fantasia, o erótico. Fantasia e sedução não são da ordem da natureza, mas do artifício, do signo e do ritual. As ações muito concretas no terreno do sexual se distanciam da fantasia e da sedução, porque certo afastamento se faz necessário nesses jogos. No jogo da sedução, a atração se exerce, curiosamente, por certo afastamento não se seduz o que já está à mão. A propósito, o termo sedução provém de se-ducere, que significa afastar, desviar de seu caminho desvio do real do corpo para dimensão mais próxima da fantasia. Há uma soberania da sedução, que é paixão, jogo, estratégia de deslocamento.

A sedução pertence à ordem do artifício, do signo, do ritual, e os discursos ou mostras excessivas constituem aí um desperdício. Começamos a seduzir quando o outro se põe como nosso objeto de desejo, mas por vias indiretas, que lhe escapam. É nessa escapada que o jogo seduz. O que é despertado pela sedução, pelo palco onde ela é encenada, é a fantasia, diz Sibony (1991, p. 30). Segundo ele, a trajetória, toda perpassada pela incerteza, envolve “[...] *um jogo entre dois inconscientes, quando dois discursos, enrolados um no outro e presos na espiral que os ultrapassa, encontram-se no lugar comum de sua inconsciência (idem p. 27)*”.

Na sedução, não há anatomia, e sim ritual; seu papel é encantar a experiência natural vivida no real do corpo. Seduzir chega ao limite do ritual, onde os atores parecem não ter nada a ver com aquilo. Aí, desliza-se naturalmente da sedução para a fantasia.

Baudrillard também fala da sedução como uma espécie de inteligência, como uma fulgurante evidência:

[...] não tem de se demonstrar, não tem em que se fundar está imediatamente ali, no avesso de qualquer pretensa profundidade do real, de qualquer psicologia, de qualquer anatomia, de qualquer verdade, de qualquer poder. Ela sabe é seu segredo que não há anatomia, que não há psicologia, que todos os signos são reversíveis. (BAUDRILLARD, 1992, p. 15)

Ela não se prende a nenhum território do saber convencional e difere do sexo, que é uma função: A sedução é da ordem do ritual, o sexo e o desejo são da ordem do natural (BAUDRILLARD, 1992, p. 27). Nesse ritual, amar desafia o outro a amar de volta. Tudo funciona secretamente no ato sedutor: “[...] *eu sei o segredo do outro, mas não digo, e ele sabe que eu sei, mas não levanta o véu; a intensidade entre os dois nada mais é que o segredo do segredo*” (idem 1992 p. 90). A sedução ganha a forma de um enigma a resolver: “[...] *a moça é um enigma e, para seduzi-la, é preciso tornar-se um outro enigma para ela; é um duelo enigmático, e a sedução é sua resolução sem que o segredo seja revelado. Descoberto o segredo, sua revelação seria a sexualidade.*”

Contudo, é possível a morte da sedução sob a obrigação de circulação do sexo, do valor mercantil dos corpos. Em qualquer lugar onde o sexo se erige em função, em instância autônoma, liquida-se a sedução (BAUDRILLARD, 1992, p. 49). Aí ganha força a economia do sexo lugar, talvez, de seu desencantamento. Na contraface das intensidades, Baudrillard (1992, p. 47) denuncia:

[...] Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer sedução, qualquer forma de sedução, que é um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa de um desejo.

Na nossa cultura, o sexual triunfou sobre a sedução e anexou-a como forma subalterna, mas, na ordem simbólica, a sedução está lá primeiro, o sexo ocorre por acréscimo. A sedução tem a força de um enigma a resolver um duelo enigmático. Sua revelação seria a sexualidade.

Desejo sexual. “O que será que será?”

[...], pois desde que te vejo por um instante, não me é mais possível articular uma palavra: mas minha língua se quebra e um fogo sutil desliza de repente sob a minha pele: meus olhos não têm olhar, meus ouvidos zumbem, o suor escorre pelo meu corpo, um arrepio toma conta de mim; fico mais verde do que o capim, e por pouco me sinto morrer. (SAFO apud BARTHES, 1989, p. 136)

Da Psicanálise à Literatura ou à Poética, tem-se mostrado o desejo como uma espécie de

hemorragia inestancável: Eis o cansaço amoroso: uma fonte que não é saciada, um amor escancarado (BARTHES, 1989, p. 137). Essa fome insaciável, esse cansaço que não quer descanso, essa busca infundável é o desejo algo que não se satisfaz completamente e retorna sempre em sucessivas buscas tal qual canta Chico Buarque:

Que é feito uma aguardente que não sacia /
 Que é feito estar doente de uma folia
 Que nem dez mandamentos vão conciliar /
 Nem todos os unguentos vão aliviar [...].

Esse desejo insaciável é desejo de quê? Tentando responde à questão, Garcia Roza (1991, p. 190) oferece a seguinte compreensão: “O que o desejo humano deseja é possuir o desejo do outro, é ser desejado ou amado pelo outro, é ser reconhecido em seu valor humano.” Nossa agonia reside no fato de que não temos nenhum poder sobre o desejo do outro: ele nos deseja se o quiser; não lhe podemos impor isso por mais que o desejemos. Pode-se, sim, seduzi-lo, convocá-lo a amar de volta. A ânsia que não sossega, a agonia que nos possui é, no fundo, a ânsia de capturar o desejo do outro, a vontade profunda de que o outro nos deseje. Nada nos acalma tanto quanto a percepção, a certeza de sermos desejados pelo outro. Contudo, embora busquemos objetos capazes de atender provisoriamente ao desejo, não queremos que este silencie; queremos, na verdade, permanecer desejando.

Convivemos hoje com a deslocalização do desejo. A sexualidade liberada vem sendo vivida sob a forma de consumo, como se fosse mercadoria. De um lado, o sexo torna-se mercadoria; do outro, o comércio erotiza a mercadoria. A liberação sexual tem servido, de certo modo, a uma forma de adaptação ao grande mercado. Observemos a crítica de Guillebaud (1999, p. 110). Ela ganha terreno mais facilmente, à medida em que a própria linguagem erótica vai se vendo contaminada por um léxico de origem econômica: performance, concorrência, consumo, avaliação comparativa, predominância de curto prazo. Tal deslocalização para o mercado de consumo mina as possibilidades desejantes e amorosas. A perspectiva gradualmente se sedimenta em torno da sexualidade e do prazer funcionais e obrigatórios, como se isso garantisse a felicidade do sujeito sexual. A obrigação do prazer, do desempenho certo passou a integrar os requisitos de boa reputação.

Verdadeira cambalhota simbólica realizou-se em três décadas. Deslizamos “[...] *da liberação à imposição, da permissividade conquistada à fruição obrigatória, da proibição à corvêia* [...]” diz Guillebaud (1999, p.124). O dever do prazer não se torna aí uma nova forma de coerção? A onipresença do sexo na vida social, no discurso público, na mídia, não está

também promovendo sua desvalorização? Um temor legítimo que perpassa a escrita de estudiosos é o de se promover com isso um esvaziamento do próprio desejo. Cresce, em nossos consultórios, a queixa da falta de interesse sexual. Que paradoxo: em tempos de tanta exaltação do sexo, tanta queixa de falta de desejo! Nossas sociedades tão agressivamente erotizadas, estão, na realidade, assaltadas pela ansiedade do não-desejo, explica Guillebaud (1999, p.130). A recomendação contemporânea tem sido um alerta para cuidarmos das fantasias como se cuida de um capital imaginário a ser preservado. Hoje não se luta mais contra a repressão do desejo, e sim contra sua falência.

Reflexos sobre a vida sexual

Destituída da erótica, da fantasia e da sedução, a vida sexual levaria as pessoas a “fazer sexo” mais do que “viver a sexualidade”. Isso parece proceder da idéia de que ter muitas relações sexuais é um paradigma de normalidade, independentemente da qualidade de tais relações. Importa saber e fazer os outros saberem que se mantêm muitas relações sexuais atitude triunfal ante o sexo, como se este fosse um troféu que deve ser exibido. Bauman (2004, p. 13) critica a má qualidade daí proveniente: “Quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar desforra na quantidade”. Nesses casos, a salvação estaria na velocidade com que se buscam, se usam e se descartam as relações, característica bem clara nos dias atuais. Com frequência, clientes chegam perturbados por manterem pequeno número de relações sexuais. Poucos questionam, porém, a qualidade delas. Então buscam técnicas e remédios que atuem rápido e lhes garantam excitação, disposição, segurança, prazer e um número desejável de relações. Profunda inquietação os sufoca muitas vezes, nessa ânsia de verem-se normais sexualmente, mais do que saberem-se felizes sexualmente. O erotismo sucumbe a essa imposição do desempenho. Curiosamente o desempenho pode acontecer naturalmente, se o erótico se fizer presente na relação. O fazer sexual de forma empobrecida ofusca o viver sexual e faz da relação apenas lugar de comprovação de desempenhos. Vigilante de sua performance, o indivíduo pouco se entregará às sensações, ao prazer, ao encontro com o outro.

A ânsia de fazer sexo leva a pessoa a distanciar-se da sedução. Sem fantasia, sem sedução, a relação fica pobre, desprazerosa, talvez insustentável. O importante não é tanto que uma mão nos acaricie, mas saber a quem pertence essa mão, o que deseja essa pessoa e o que sentimos por ela, adverte Dorais (1994, p. 31). Há um sentido que permeia o tocar e trocar com o outro as emoções promovidas pelo sexo. A tonalidade encantada torna especial a relação e beneficia o desempenho. O desejo esse movimento encantado de captação do outro como parceiro de satisfação prazerosa fica ameaçado quando a preocupação maior se encontra em manter um nível de atuação sexual mais marcado pelo fazer e o quanto fazer.

Um princípio de incerteza perpassa a erótica, a fantasia, a sedução, o desejo. Mas crescemos na rigidez da busca da certeza, do indubitável sobre o sexo. Será o homem contemporâneo capaz de tolerar a incerteza e dela fazer uma arte, um enigma sempre a resolver, um passo de dança, de modo que a sexualidade se torne tarefa excitante, incansável a ser inventada sempre, recomeçada sem perspectiva de silenciar-se ou deter-se? Por aí, não buscaremos a sexualidade arrebatadora, mas abriremos caminhos para sua vivência mais satisfatória, menos disfuncional.

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1998.
- BATAILLE, G. **O Erotismo**. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- BAUDRILLARD, J. **Da Sedução**. Campinas: Papyrus, 1992.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CHALHUB, A. **Poética do Erótico**. São Paulo: Ed. Escuta, 1993.
- DORAIS, M. **O Erotismo Masculino**. São Paulo: Loyola 1994.
- GARCIA ROZA, L. A. **Metapsicologia Freudiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GUILLEBAUD, J. C. **A Tirania do Prazer**. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MÉNARD, R. **Mitologia Greco-romana**. São Paulo: Opus Editora, 1991.
- NASIO, J. **O livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- PAES, J. P. **Poesia Erótica em tradução**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- PAZ, O. **A Dupla Chama. Amor e Erotismo**. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994.
- PRADO, A. **Poesia Reunida**. São Paulo: Ed. Arx, 1991.
- ROZA, L. A. G. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- SIBONY, D. **Sedução**. O Amor Inconsciente. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- STOLLER, R. **Observando a Imaginação Erótica**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

A SEXUALIDADE NO ENVELHE(SER)

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

SEXUALITY IN AGING

Resumo: O homem é o único ser vivo que sabe que vai morrer. Isso o angustia, e ele busca para si ilusões de eternidade, como se pudesse esconder-se de sua provisoriedade. A finitude é vista por ele como uma limitação, não como o limite que é posto à vida. Olhar assim, o impede do verdadeiro crescimento rumo à maturidade e a alegria de viver. Finitude é condição humana, e nela somos desafiados a encontrar saídas para os limites, a encontrar motivação para manter a vida com dignidade, satisfação, prazer e sentido. Falar de envelhecimento é falar da consciência dessa finitude, da possibilidade de ser por ela desafiados, e da capacidade que temos de proceder à superação, à transformação, à metanóia, à mudança de atitudes. A vida é exigente de um ascender ao mais além. Nesse contexto a sexualidade nos convoca para a construção de um sujeito prazeroso e feliz.

Palavras-chave: Sexualidade. Finitude. Envelhecimento.

Abstract: Mankind is the only living being who know that will die. This disturbs him, and he looks for the illusion of eternity, as he could hide himself from his brevity. Finitude is seen as a limitation, not as a limit that is imposed to life. Looking this way prevents him from the real growth towards maturity and happiness to be alive. Finitude is a human condition and within it, we are challenged to find ways to overcome limitations, to find motivation to live with dignity, satisfaction, pleasure and meaning. Talking about getting old, is talking about being conscious of this finitude, about the possibility of being challenged by it and about our capacity to surpass, to transform and to change attitudes. Life requires that we keep going ahead. Within this context, sexuality calls us to construct a pleasure and happy human being.

Keywords: Sexuality. Finitude. Aging.

Inquieta finitude

Vivemos a agonia existencial de saber que um dia morreremos. Ante essa certeza nos perturbamos e procuramos artifícios para driblar a angústia que essa condição nos proporciona. Tememos o entardecer da vida e buscamos ilusões de eternidade, como se pudessemos nos esconder da provisoriedade que nos confronta. Torna-se difícil, inquietante mesmo, acolher em nós esse estado. Falar da finitude é dizer do que tem fim, do que não é eterno. Isso nos assusta sobremaneira porque, para além de nossa ilusão de eternidade, sabemos que é assim que somos: finitos, provisórios. A mesma finitude que nos assusta, também nos desafia a encontrar sentido para a vida e a vivê-la com prazer. Freud dizia que a beleza da vida está em seu caráter fugidio.

· Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 16(2), 2005, p. 207-17. São Paulo: Iglu, 2005.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Antropologia. Profª. Adjunta da UNICAP – Recife, PE.

Estamos no mundo e nele temos um que-fazer próprio, que ninguém pode realizá-lo por nós. A certeza da morte nos convoca a dar conta dessa tarefa, a lutar por realizações e por um sentido para a vida. Esse é o aguilhão que provoca a finitude. Cada um de nós é vocacionado a marcar sua passagem pelo mundo com um agir criativo. Nesse contexto a morte faz-se moldura, enquadra a vida, exige, organiza, dá sentido ao conjunto do viver. A finitude deve ser vista como um limite, não como uma limitação. Ser finitos é nossa condição humana, exige de nós criatividade e responsabilidade para com o nosso estar neste mundo. A provisoriidade nos desafia a atestar que a vida vale a pena. Nesse contexto, descobrir sentido para a vida torna-se a tarefa humana mais urgente, e nos fará saudáveis, sustentáveis, serenos, dignos e tolerantes ao envelhecer.

Nesse processo de envelhecer, de responsabilizar-se pela vida que se tem nas mãos, precisamos também atentar para a questão da alteridade, do lugar, peso, sentido e importância que o outro tem em nossa vida. Pensamos muito em desempenho e pouco na alteridade. No entanto, o tempo é sobretudo o que passamos com os outros, no que eles nos remetem, sobre nós mesmos. Não há tempo sem interlocutores, mesmo a solidão é cheia da presença do outro (OLIVENSTEIN, 2001, p. 49).

O tempo, a vida, a subjetividade, são atravessados pelo papel que o outro exerce em nossa vida. O outro, nosso “inferno”, mas também nosso paraíso é a razão de ser do entrelace humano pela vida afora. A verdadeira cidadania “*é a possibilidade de existir para o outro*”, diz Goldfarb (1998, p. 26). De fato só o sujeito visto, reconhecido, olhado por outrem como ser de direitos sente-se verdadeiramente sujeito. Não somos sujeitos sem o olhar do outro sobre nós, que nos nomeie e reconheça como tal. Convivemos no universo de relações líquidas (BAUMAN, 2004) relações passageiras, em rede, on line. Estes tipos de relações caracterizam o desvinculamento, o descartável, o consumível, carecem do olhar do outro, carece de que ele nos reconheça e considere com sujeitos.

Entre o Prazer e a Procriação

Somos seres perpassados pelo desejo de encontrar alguém com quem possamos partilhar afeto e ser feliz. Isso parece tão natural, tão humano, que atravessa nosso sonho, está escrito na poética, na literatura, está esculpido na arte, cantado em versos e manifestações de todos os tempos. Mas, historicamente, a sexualidade foi sendo compreendida a partir das contingências e do modo de pensar de cada época. Inicialmente ela foi reconhecida apenas em seu caráter procriativo, foi legitimada e valorizada enquanto modo de propagação da espécie.

As experiências evocativas do prazer e da satisfação sexual eram condenadas. Medicina e Igreja deram-se as mãos no combate da dimensão prazerosa da sexualidade, ora identificando o prazer sexual como desnecessário à procriação, ora identificando-o como pecado.

As culturas de todos os tempos, sempre controlaram a sexualidade. Isso nos diz o quanto ela representa de força nas pessoas, e o quanto é uma necessidade para a constituição do sujeito. Somente no século XIX, Freud possibilitou o resgate da dignidade do prazer considerando-o inerente ao ser humano, produtor de bem estar, saúde emocional e alegria entre o casal. Com isso foi se legitimando uma dimensão lúdica para a sexualidade. A ordem foi sendo subvertida e a repressão passou a ser vista como produtora de sintomas neuróticos.

Sabemos que a sexualidade é procriativa apenas em uma etapa do viver. No amadurecer e no envelhecer mantemos relações sexuais para brincar a vida, não mais para procriar. Postulo, portanto, que no envelhecer, a sexualidade deve ser lúdica, brincante, deve atender eminentemente ao prazer e ao bem estar relacional. Só que isso supõe uma construção relacional entre parceiros. As relações líquidas dificilmente possibilitarão tal condição. Isso supõe que, além do corpo, cada parceiro acaricie a alma do outro. O prazer mais profundo possibilita a maior qualidade humana que dele vai emergir. No entardecer da vida podem reunir-se, o prazer dos sentidos, a experiência vivida, a sabedoria, a despreocupação, a capacidade de alcançar a intimidade, o contato com a alma do outro, a desistência da luta de poder, a capacidade de transcender o próprio corpo que possibilitam esse prazer profundo.

Viver ludicamente a sexualidade supõe a sedução e ela se endereça pelo discurso dos olhares. Estamos esquecidos da arte de seduzir! No entanto, o desejo do outro nos é remetido por um olhar que nos convida a aceder ao amor passageiro. Essa metalinguagem é mais eloquente que qualquer discurso. Pela sedução, pelo olhar, o outro me obriga a fazer uma viagem através das palavras que não foram pronunciadas. Sibony diz que a sedução é esse deslocamento que atrai e cuja atração repercute no outro que a provocou (1991, p. 29). Dá-se uma afetação silenciosa e recíproca. Embora a dimensão lúdica envolva o real do corpo, a relação sexual e penetração, ela supõe sobretudo, um perder-se na brincadeira, na sedução, no prazer de um jogo de ver e mostrar, no tocar e descobrir, no prolongar a festa. Gaiarsa dizia em Congressos que partilhávamos: O orgasmo acaba a festa. Lembrava com isso que não é preciso ter pressa por ele, nem ter excessivas preocupações com o desempenho. Fazer sexo todos sabemos, isso vem inscrito no corpo de cada um. Difícil é vivê-lo com beleza, sentido e afeto. Isso dá trabalho. É uma arte. Oxalá sejamos capazes de fazer isso na velhice.

Mitos e preconceitos em torno da pessoa idosa se dão sob a idéia de que, com o avanço da

idade perde-se a capacidade sexual. O que ocorre de fato é uma redução da frequência das relações sexuais, mas dá-se em contrapartida um incremento em prol de uma maior qualidade. Lamentavelmente algumas pessoas desistem da vivência sexual, por imaginar que ela é uma possibilidade apenas do corpo ou da juventude. No entanto, grandes alegrias estão também na vivência para além do corpo. Quando estamos mais velhos, podemos ser mais sábios, mais suaves, mais sedutores, mais cúmplices nas relações.

Na vida, somos preparados para crescer, para desenvolver e desempenhar papéis e funções, mas não somos preparados para descer a curva da vida. Os tabus em torno do envelhecimento não nos dão chance de prepararmos-nos para envelhecer com prazer. Nem mesmo somos preparados para acolher em nós a finitude. Com isso não aprendemos a envelhecer com dignidade, ou ter prazer e satisfação com a idade que conquistamos. Embriagamo-nos na ilusão de uma eterna juventude, que serve apenas para nutrir quadros de depressão, hipocondria, consumo abusivo de remédios, problemas conjugais, disfunções sexuais.

Sexualidade. Princípio e Fim

É como um traço (e)terno em meio a finitude que pode ser vista a sexualidade. Ela se faz presente na experiência do sujeito, desde seu nascimento até a morte. A cada etapa do desenvolvimento correspondem formas de expressão que são próprias a cada idade. O corpo não é estático, ele atua como processo. Ele é histórico, é arquivo de experiências que vão acontecendo no decorrer da vida. Desse modo podemos compreender a sexualidade nos diversos estágios do viver. Na criança, ela é descoberta do próprio corpo erógeno. Descobrir essa erogeneidade na infância é importante, pois ela repercute na sexualidade que amadurece. No adolescente a descoberta acontece pelas trocas de sensações e emoções com o corpo do outro. No adulto a sexualidade deve se fazer partilha, reciprocidade de gestos e emoções. Em todos os estágios porém, o corpo sexual é um corpo atravessado pelo simbólico da linguagem, o que retira da genitalidade a possibilidade única de viver a sexualidade.

Por mais que surjam dificuldades físicas no envelhecer, podemos ampliar a qualidade do sexual, do amoroso. Se o humano for estimulado, expressar-se-á numa riqueza impensável. Como somos animais falantes, o simbólico da linguagem, nos possibilita uma sexualidade que é também invenção do espírito. Isso é possível, primeiro na intimidade consigo mesmo, depois, partilhando com o outro. É nessa intimidade que podemos nos tornar recíproca mente especiais uns para os outros. Nesse contexto, da intimidade e da partilha, os entraves corporais poderão ser melhor enfrentados.

A necessidade tátil cresce com o tempo, e isso parece servir a um convívio corporal maior

com o outro. Paradoxalmente, porém, talvez seja esse um tempo em que menos se toque os idosos. O toque amável, significativo, pode ser terapêutico, além de ser fonte de satisfação. O corpo que não é tocado chora. Grita. Reclama. As dores são esse comunicado diz Ana Fraiman (1995, p.93). O corpo que dói por causa de artrites é um corpo carente. Pede abraço, quer chamar atenção. O corpo não abraçado acaba gritando. Os gritos assumem a forma de dores. O corpo que dói é um corpo vivo que implora por Eros (Ibid, p. 93). Quanta amorosidade deixa de ser vivida por falta desse contato físico!

Como um traço (e)terno, a sexualidade se manifesta desde a infância até a morte e se revela na ternura e nas alegrias com as quais Eros enfeita o viver. Tempo e ternura definem esse traço, e devem permear o acolhimento e a amorosidade no envelhe(ser).

Amor Maduro na velhice

Deparamo-nos com um medo difundido de se manter relações de compro- misso com o outro, por receio de sofrer desencantos ou abandonos. As pessoas preferem ficar, porque ao ficar não ficam, não se envolvem, não fazem vínculos, pensam com isso não correr riscos de sofrer. É que a dor de amar, não é sentida no corpo, mas no laço que estabelecemos com o outro. A dor psíquica é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto diz Nasio (1997, p. 25). Por isso vive-se na atualidade, num universo que Bauman, (2004, p.10) chama de relações líquidas. É preciso diluir as relações para que se possa consumi-las. São relacionamentos de bolso dos quais se pode dispor quando necessário, deletando-os tão logo não mais interessem, refere ele. No entanto, quando as pessoas não se envolvem, também não se desenvolvem na arte amorosa:

“(...) a permanência de uma ligação pode servir ao seu aprofundamento, a um conhecimento mais amplo do outro, ao desenvolvimento de uma cumplicidade e de planos a longo prazo que, em seu conjunto, contribuem para renovar essa união” (Ibid, p. 120).

A amorosidade é sentida no vínculo que estabelecemos, e é ela quem nutre o bem estar no envelhecer, quem dá sustentação à qualidade que queremos para a vida.

A cultura supervaloriza o desempenho. Sexo triunfal, mais que encontro. As pílulas têm sido eficientes para a melhoria do desempenho, mas não impedem o vazio da falta do afeto que nos maltrata. O desempenho é importante sim, mas a relação sexual que se baseia só nisso, fica pobre, desumana e difícil, sobretudo para o idoso. O desempenho é a base, mas só a base. Oxalá não se faça da exaltação do desempenho, um modelo predatório à felicidade sexual que é sentida internamente, na amorosidade e no relacional. O desempenho embora sirva à alegria

sexual é ação para fora. Precisamos cuidar do sujeito sexual, não apenas do indivíduo respondente.

A construção da sexualidade ergue-se sobre a base do desempenho, mas se dá na experiência dos parceiros, na inventividade, na sedução, no encantamento de um amplo gestual que não se define apenas pelo ato genital. Essa construção se for nutrida pela criatividade pode proporcionar muita alegria. O prazer é plural. Gostamos de uma noite de lua, de um bom vinho, uma boa música, uma boa leitura, de um abraço especial, da paz com a vida, como de uma boa relação sexual. São experiências de prazer. São dimensões especiais que compõem também a sexualidade de sujeitos amadurecidos.

Observando a arte, a pintura, a escultura, a poética, a literatura, a música, vemos que elas giram em torno do desejo, do prazer, da dor de amar, da dor de não amar ou de não ser amado. A expressão criativa reverencia sempre o desejo humano, que é, no fundo, um desejo insaciável de ser desejado pelo outro. Quando esse outro não nos deseja, sofremos no mais íntimo de nós mesmos, um tipo de dor que quase nos desterritorializa. O amado não é um outro, mas uma parte de nós mesmos que recentra o nosso desejo diz Nasio (1997, p. 60). O outro é o chão amoroso e existencial sem o qual fica difícil viver.

A alteridade, o relacional, têm um sentido especial na vivência amorosa sexual, sobretudo na velhice. Fica a indagação porque então superestimamos o desempenho e damos tão pouca importância ao outro? Considero essas dimensões do relacional e da alteridade mais promotoras do bem-estar sexual que a preocupação excessiva pelo desempenho. Quando ficamos muito presos ao fazer sexual podemos deixar na sombra o mais gratificante, o viver sexual. O amadurecer da sexualidade traz consigo exigências afetivas, espirituais e existenciais imprescindíveis à experiência humana. Como se fosse uma troca de olhares entre o sujeito e a vida. Isso não é fruto natural da velhice, é resultado de dimensões especiais que desenvolvemos na vida. Assim, uma pessoa jovem pode viver maduramente sua sexualidade de forma lúdica e responsável.

Sexo não é para ser consumido, mas para ser vivido, e vivido em relação. Quanto mais consumistas, mais periféricos ficamos e perdemos as verdadeiras referências humanas da sexualidade em nós. O afeto, a ternura, o desejo do outro têm, na velhice, um papel fundamental. Certas pessoas sentem-se fracassadas quando não conseguem um nível ótimo de desempenho. Mas o afeto vivido dá um tipo de satisfação que pode relativizar o declínio dos desempenhos. O fracasso é sentido quando se desconhece que o gozo é possível no corpo e

além dele. A maior das satisfações vividas pelo ser humano é a de sentir-se desejado e importante para o outro, como também poder desejá-lo e apreciá-lo. Neste sentido, um olhar terno, um apoio, um toque, um abraço, valem mais que certas relações sexuais sem trocas. Somente os gestos especiais se eternizam, podem deixar um sabor de encanto que não se apaga.

No processo de envelhecer não devemos violentar o corpo, exigindo dele performances impossíveis. Será mais sábio acolher a verdade de que nada é definitivo em nós. Com o tempo a sexualidade se transforma, perde algumas características e ganha outras. É importante acolher as mudanças. Fazer a metanóia, que é a mudança de meta, de perspectiva; viver a gerotranscendência, que vem normalmente seguida por um aumento na satisfação de vida. No ser vivo, tudo pede para terminar, mesmo um lindo por do sol, um belo poema ou um beijo ardente. Tudo se endereça a seu término. A sexualidade se encaminha para seu cume, para uma expressão mais densa do possível amor. Síntese do que somos. Gozo de nossas conquistas. Fortalecimento dos laços estabelecidos.

Na Sociedade do Espetáculo em que vivemos, o conceito de belo é reduzido à aparência. Nessa ótica as lentes enxergam rugas mais que as histórias que o envelhe(ser) esconde. Contudo a beleza é dinâmica, não está apenas na silhueta, na cor dos olhos, no tom da pele. Ela emerge sobretudo de dentro do ser maduro que somos. Irrompe da certeza serena de nossa própria construção. Quando se fala em velhice, em amor maduro, Quase não se fala da sexualidade que se transforma em ternura, dos contatos a serem mantidos pela voz, o olhar, o toque. Sonhar com o amor permanece, no entanto, possível até o fim (MANNONI, 1995, p. 21).

Amar faz parceria com a beleza madura que resulta dessa química em nós, entre o existencial, o construído, o conquistado, o saboreado com sutileza. O corpo conta histórias das aventuras do espírito na busca do outro. Affonso Romano de Sant'Anna atesta poeticamente esse modo maduro de amar:

Estou amando tuas rugas, mulher. Algumas vi surgir, outras aprofundei. Olho tuas rugas. Compartilho-as, narciso exposto no teu rosto. Ponho os óculos para melhor ver na tua pele as minhas/tuas marcas. Sei que também me lês, quando nas manhãs percebes em minha face o estranho texto que restou do sonho. O que gastou, somou. Essas rugas são sulcos onde aramos a messe do possível amor (ROMANO DE SANT'ANNA, 1993 p. 140).

Sexualidade. Desafios e motivações

É fora de dúvida que alguns entraves podem ser observados na vivência sexual de pessoas idosas. Poderá haver um corpo dolorido, pouco flexível, mas a sexualidade não se reduz ao corpo, ela faz parte de um todo que envolve dimensões corporais, psíquicas, espirituais e culturais. Portanto não é só o corpo que entrava a sexualidade. O espírito, o psíquico, o relacional podem também entravá-la. A frágil relação do casal, a má qualidade da vida externa e interna da pessoa são os primeiros obstáculos que vejo para a boa vivência da sexualidade. Isso supõe uma construção cuidadosa que, oxalá tenhamos feito pela vida afora. Portanto os modos de ser e estar no mundo consigo e com os outros, refletem-se prontamente sobre a sexualidade no envelhecimento.

Outra grande barreira posta à sexualidade do idoso é a precariedade filosófica e ideológica com que se olha a sexualidade, de forma reduzida à busca do prazer pura e simplesmente, sem envolvimento ou sem sentido. Esse olhar simplifica uma dimensão humana que é bastante complexa. Nessa simplificação a cultura é dada a fazer promessas de grandes prazeres, de felicidade mega que bem sabemos, são utópicas. Prometer enganosamente é uma atitude perversa e perigosa, porque promove frustrações que podem tornar-se insuportáveis ao sujeito.

Outro entrave considerável é o desamor. Sem afeto, fica difícil uma sexualidade interessante no envelhecer. Os idosos fazem bem o sexo se ainda se amam, se alicerçaram suas vidas numa afetividade calcada na democracia de gestos e emoções. Onde há saúde e amor, homens e mulheres se buscam, se completam, se saboreiam, mas onde há desafetos e mágoas silenciadas, dificilmente haverá espaço para trocas amorosas.

A obsessão pela aparência física, o desejo irreal de uma eterna juventude, é um outro entrave à vivência da sexualidade na maturidade. Quando negamos o processo natural do envelhecimento que ocorre, impedimos uma boa vivência da sexualidade. Faz parte de nosso desenvolvimento que o corpo mude e se transforme. Deve fazer parte também de nosso entendimento que o corpo envelhecido também ama, sente e goza. E se o espírito não estiver perturbado, o corpo será capaz de responder satisfatoriamente. Falando do Amor Maduro Artur da Távola diz que *“Na felicidade está o encontro de peles [...] a compreensão antecipada, a adivinhação, o presente de valor interior, a emoção vivida em conjunto, os discursos silenciosos, o prazer de conviver, o equilíbrio de carne e espírito (1983, p.117)”*.

Isso difere dos ensinamentos que se assemelham a sexoróbica e que muitas vezes são

passados às pessoas na tentativa de fazê-las responder aos apelos do consumo sexual. Isso pode ser um equívoco, pois a sexualidade é especial em suas dimensões do espírito, do mistério, dos retalhos de alma que somos. Não pode ser totalmente pensada, prevista, receitada, mas sutilmente descoberta, inventada, como mistério que jamais se desvela por completo. Algo de mistério deve permanecer velando o humano. O dizer ao revelar também vela. O viver humano não pode ser plenamente dito; entre o dizer e o indizível emerge o falar poético diz G. Safra (2004, p. 25). Em sua dimensão humana, a sexualidade não pode ser da ordem do totalmente revelado. Em sua beleza mais intensa ela se faz poesia.

Por fim

Precisamos recuperar a arte, a capacidade de sentir o sabor das peles em contato. O sexual precisa disso, como precisa do espírito, da criatividade, da gentileza, aí onde se aperfeiçoa o gestual humano. Há uma potência a mais no corpo do sujeito que sempre pode transformar-se em alma. A vida sempre rompe os limites das fórmulas dizia Exupéry. Lya Luft lembra que a felicidade amorosa não vem do desempenho, mas da ternura que aprimora e intensifica o desempenho (2003, p. 98). Isso depende da sabedoria que conquistamos e é o trunfo maior com o qual o idoso pode posicionar-se na vida e desfrutar de um tempo maduro. Envelhecimento não é doença, é tempo vivido, é mais adiante, é caminho com bagagem.

Em nosso fazer e viver sexual, não basta tocar o outro ou com ele ter relações sexuais, é preciso que Eros se faça presente na festa dos corpos. É preciso que os toques, braços e abraços ressoem também na alma do outro a quem desejamos e tocamos. O importante não é tanto que uma mão nos acaricie, mas saber a quem pertence essa mão, o que deseja essa pessoa e o que sentimos por ela diz M. Dorais, (1994, p.31). É preciso que, ao tocar, a mão veicule sentido e envolvimento, diga do tamanho, da importância que o outro tem para nós.

Amadurecer, envelhecer são processos que exigem investimento, coragem para o enfrentamento das transformações físicas e psíquicas que naturalmente se dão. Esse enfrentamento requer a metanóia, a mudança de modelo mental. Segundo Tranjan, trata-se de uma nova maneira de enxergar realidade. É a transformação. É livrar-se dos entulhos liberando espaço para o novo (2002, p.35). O processo de amadurecimento na vida exige esse movimento, essa motivação, esse desafio. Envelhecer com satisfação e dignidade supõe que nos livremos daquilo que não nos serve, deixando espaço aberto à criação da vida mais plena. Supõe que mudemos sempre em direções que melhoram nosso prazer de estar no mundo com os outros. Para isso será preciso que tenhamos construído um ego suficientemente forte para lidarmos com as faces outonais desse tempo. Viver a sexualidade na velhice significa, acima

de tudo, realizar uma síntese afetivo-amorosa que garanta satisfação aos corpos e espíritos. É preciso abastecer-se de ternura e beleza nesse enfrentamento do outono que sucede as estações da vida.

Amor maduro só se conquista com dimensões especiais. Na Terceira Idade temos tempo e experiência para descobrir formas específicas de viver a sexualidade. E, se por acaso pouco construímos, temos ainda a capacidade de criar, de inventar o que somos e o que queremos ser. É tempo sempre de começar algo que melhore nosso estar no mundo. O inferno não é apenas o outro como dizia Sartre, é talvez a falta do outro, o vazio dele em nós. Acima de tudo o inferno é também vazio de nós mesmos, na medida em que não nos encontramos, não nos reconhecemos como sujeitos construtores da própria satisfação com a vida.

O engano se livra de seu cenário e o sexual se recoloca no lugar onde se encontra o sujeito, não apenas um corpo respondente. A relação com o outro serve de bússola e diapasão na harmonia que conquistamos em nossa residência íntima, lugar de solidão e contato. Com esse entendimento teremos a capacidade de assumir a vida finita que temos nas mãos, e dela fazer fazer um poema que enaltece e encanta o viver. É isto o que temos. É tudo isto que somos. Uma finitude com gosto de infinito. Nela, a sexualidade nos (e)terniza.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

CARIDADE, A. **Sexualidade. Corpo e Metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

_____. **Caminhos e Caminhantes**. Recife: ed Bagaço, 2005.

DORAIS, M. **O Erotismo Masculino**. São Paulo: Loyola, 1994.

FRAIMAN, A. P. **Coisas da Idade**. São Paulo: Gente, 1995.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LUFT, L. **Perdas e Ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MANNONI, M. **O Nomeável e o Inominável**. a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NASIO, J. **O Livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVENSTEIN, C. **O nascimento da Velhice**. São Paulo: Edusc, 2001.

SAFRA, G. **A Poética na Clínica Contemporânea**. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

SANT'ANNA, A.R. **O Lado Esquerdo do meu Peito**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SIBONY, D. **Sedução**. o Amor Inconsciente. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TÁVOLA, A. **Do Amor**. ensaio de Enigma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

TRAJAN, R. A. **Metanóia**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

MACHOS OU MASCULINOS? UM ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADES E PRODUÇÃO DE CONDUTAS VIOLENTAS.

Maria do Amparo Rocha Caridade¹ Helena Maria D. G. Raposo² Ana Patrícia L. Freire Lopes³

MALE OU MASCULINE? A STUDY ON THE CONSTRUCTION OF MASCULINITIES AND THE PRODUCTION OF VIOLENT BEHAVIOR

Você chama de violenta as águas de um rio que tudo arrastam;
mas não chama de violentas as margens que o aprisionam (Bertold Brecht)

Resumo: Este artigo baseia-se em uma pesquisa realizada na Universidade Católica de Pernambuco, em 2004, através do Programa Institucional de Base de Iniciação Científica, que teve como objetivos identificar relações entre modelos culturais de ser homem, a subordinação dos jovens a tais modelos e a produção de condutas violentas. Observou-se como modelos referenciais de masculinidade foram transmitidos socialmente ao longo de gerações, e que alterações foram propiciadas para a construção da subjetividade dos homens. Participaram desta pesquisa, 10 jovens, entre 20 e 30 anos. Trabalhou-se com Histórias de Vida, considerando-se que, através dessas narrativas, os sujeitos podem manifestar mais claramente os códigos, esquemas, e modelos que contribuíram para a construção de suas masculinidades. Na análise das narrativas buscamos identificar suas relações com os modelos culturais existentes. Os dados obtidos indicam que, para estes jovens, há satisfação com as construções da sua masculinidade, ficando clara porém uma insatisfação quanto aos modelos que subsidiaram estas construções.

Palavras-chave: Ser homem. Modelos culturais. Subordinação. Condutas violentas.

Abstract: This article is based on a research made by the Universidade Católica de Pernambuco in 2004, through the Scientific Initiation Institutional Program. The main objectives were to identify relations between cultural models of being man, the subordination of the young men to behavior. Such models and the production of violent behavior. It was observed how masculinity reference models were socially transmitted through generations and for the construction of men subjectivity. Ten young men, aging between 20 and 30 years old, took part in this research. Histories of life were studied, considering that, through these histories, the men can more clearly reveal the codes, schemes and models that contributed to the construction of their masculinity. Analyzing the histories we sought to identify their relation to current cultural models. Data gathered indicate that these young men are satisfied with their masculinity construction, however, there is a clear lack of satisfaction with the models that enabled this construction.

Keywords: Being men. Cultural models. Subordination. Violent behavior.

· Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 16(1), 2005, p. 113-22. São Paulo: Iglu, 2005.

¹ Psicóloga. Mestre em Antropologia. Professor Adjunto da UNICAP. Coordenadora do Curso de Especialização em Sexualidade Humana da Universidade Católica de Pernambuco UNICAP.

² Psicóloga. e-mail: helena_diu@hotmail.com

³ Psicóloga. e-mail: patricia_fau@hotmail.com

Introdução

Em diversas culturas, construíram-se mitos em torno do falo como sendo sinônimo de poder, e esta concepção foi sendo difundida e naturalizada de modo que, até hoje, homens e mulheres a carregam com prestígio ou com insatisfação.

Nos primórdios da humanidade, atividades de caça e guerra eram listadas como habilidades masculinas. Do mesmo modo, a capacidade de maternagem, a fertilidade, a capacidade reprodutiva e a resistência ao parto, eram habilidades tidas como femininas. Essa divisão primordial dos papéis sexuais influenciou a produção cultural acerca de gênero e os modos de comportar-se enquanto homens e mulheres.

As idéias acerca do ser homem mantiveram-se por muito tempo associadas à maior força física presente no corpo masculino. Com o desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial, foi se exigindo cada vez menos habilidades ligadas à força física masculina. Com o movimento feminista, houve um redimensionamento do ser mulher e isso possibilitou um progresso em relação às questões da subjetividade feminina.

Na matéria intitulada *A Construção da Masculinidade*, Ceccarelli (1998) afirma que foi Freud quem primeiro se preocupou com a alma do pênis. Afirmava que o pênis era o órgão fundamental na formação do caráter de todas as pessoas. Nas mulheres pela ausência e a inveja do falo, nos homens pelo medo da castração e pelo Complexo de Édipo.

Diante do mundo globalizado no qual se vive e com a queda de barreiras entre culturas, presenciemos mudanças nos valores culturais, fazendo com que se questione os modelos referenciais de masculinidade transmitidos socialmente ao longo de gerações.

Sócrates Nolasco (1993, p. 18) considera que:

“Um pequeno número de homens brasileiros, individualmente, começa a repensar como constroem seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definido. Esses indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para sua vida, ampliando-os para além da redução a que ficaram submetidos pelo patriarcado que separa a vida de um homem da vida de um macho. Neste sentido procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como consequência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma compreensão biológica de sua existência”.

Considerando o desafio educacional vivido pelos meninos na adolescência Cuschnir (2001, p.49) refere-se ao código dos meninos, dizendo que eles aprendem esse código nos primeiros

momentos da infância, quando frequentam playgrounds, parquinhos, salas de aula, acampamentos, festinhas e reuniões. E enuncia:

“Segundo esse receituário que oferece os fundamentos das diversas máscaras de que o homem se utilizará ao longo de toda a vida, há quatro imperativos a serem seguidos:

1. Os homens devem ser estóicos, heróicos, estáveis e independentes[...] Não podem mostrar fraqueza e nem compartilhar suas emoções com ninguém. 2. os meninos tem que ser sólidos como rocha[...] O homem deve mostrar-se impassível e inabalável. 3. As situações que a vida apresenta têm de ser encaradas como o momento de decisão[...] os meninos liberam de modo extremado sua agressividade e agem de modo a evitar a vergonha a qualquer custo, reprimindo os sentimentos de fracasso. 4. Homem tem que ser macho! Nada de bichice: sentimentos e comportamentos afetivos, como empatia, compaixão, carinho, são entendidos como femininos, homens não devem experimentá-los e, caso os experimentem estão ameaçados em sua masculinidade, devendo considerar-se efeminados.”

A partir dessas referências, buscamos reconhecer nos jovens participantes deste trabalho, as pegadas de códigos como esse que, segundo Cuschinir deverão induzir ao uso de máscaras e que em nosso modo de ver, podem servir de base para condutas endurecidas ou violentas. Compreende-se que, ao usar máscaras para dar conta de ser homem, conforme os modelos propostos, ocorre no masculino um sacrifício da sensibilidade, que pode induzir o sujeito à condutas agressivas, que a cultura reconhece e legitima como sendo uma forma desejável de ser homem.

A literatura refere que o percurso do menino até a masculinidade se constrói em um espaço político e social, através de rituais e provas de iniciação em que os homens vivem a angústia de não conseguir alcançá-la. A relação do sujeito com seu pai, ou aquele que assume este papel, será decisivo para o modo como ele terá acesso às representações simbólicas do masculino.

Neste trabalho tentamos perceber se o endurecimento posto pelo modelo de ser homem foi disparador de condutas violentas, nas relações interpessoais estabelecidas pelos jovens como também compreender, como estes percebem a construção de sua masculinidade, que grau de consciência têm da absorção dos modelos impostos e da submissão que a eles dedicam. Observamos se eles refletem ou sentem necessidade de refletir sobre os modelos nos quais enquadram suas próprias masculinidades e se eles identificam alguma crise no homem atual, não apenas no sentido aflitivo do termo, mas no sentido da possibilidade e emergência de transformação que a crise suscita.

Boris (2002) acredita que a crise do masculino diz respeito à inadequação e ao incômodo de

muitos homens com as atitudes, com os valores e com o próprio modelo de macho do patriarcado. Para ele, muitas das manifestações de violência viril, têm como um de seus principais elementos constituintes uma reação agressivo-defensiva diante da difusa sensação pessoal de decadência sócio-cultural da dominação masculina. Isso corrobora nossa busca de condutas violentas, a partir de modelos instaurados de ser homem.

A submissão a tais modelos produz inadequações que são passíveis de serem observadas tanto na fala dos sujeitos como nas referências da literatura. Conforme Dorais (1994, p 22), certos homens recorrem a soluções que não resolvem a crise existencial que eles passam, refugiando-se no álcool ou na droga para destruir os sentimentos de desconforto, de rejeição e até mesmo a raiva que sentem pelas mulheres.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, apoiamo-nos na Antropologia, ao identificar modelos culturais de ser homem, na Psicologia e na Psicanálise, para compreender os modos de absorção desses modelos e suas conseqüências na experiência dos sujeitos.

O Olhar dos Teóricos

O que torna um homem de fato um homem? É ser viril e não demonstrar nenhum aspecto feminino? E o que falar do ícone nordestino de virilidade, o cabra-macho e sanguinário cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião? Pesquisas mostram que este estereótipo tão conhecido do cangaceiro aponta alguns aspectos curiosos até então desconhecidos. Virgulino foi criado pela sua avó Jocosa, gostava de ajudá-la em seus afazeres domésticos, gostava de escrever poemas e apreciava que seu amigo Cascavel, lhe fizesse cafunés.

Meu rifle atira cantando
Em compasso assustador
Faz gosto brigar comigo
Porque sou bom cantador
Lampião

Até 1929 só havia homens no acampamento do cangaço, dormiam todos juntos e justificavam que era para acordar mais rápido caso a polícia chegasse. A presença feminina no cangaço foi de início mal vista pelos cangaceiros, que temiam que elas atrapalhassem e que Lampião se tornasse frouxo, efeminado ou dominado por mulheres. Mesmo com a presença feminina no cangaço, eram os homens que cozinavam.

Na vida itinerante que tinham, é sabido que o bando levava sempre a máquina de costura Singer portátil junto com as armas e munições. Lampião gostava de costurar e bordava em

suas roupas detalhes inspirados na figura do imperador francês, que ele lia em revistas de moda européia, roubadas de fazendas invadidas. Gostava de jóias, moedas de ouro, perfumes franceses, lenços de seda nos quais inscrevia suas iniciais C.V.F.L Capitão Virgulino Ferreira Lampião. Era uma pessoa sensível e chegava a escolher até o melhor e mais bonito lugar para acampar.

Lampião era criticado em sua cidade natal como fraco e medroso porque nos embates com a polícia sua arma de batalha era a fuga e aguardava o melhor momento para atacar. Tinha um temperamento melancólico e sofria de crises hipocondríacas após suas derrotas. Tais informações fazem pensar a figura de Lampião como um frouxo? Não, ou será que se trata apenas da ruptura do modelo masculino que embasava seu mito? (PONZIO, 1995, p. 3-10). A imagem do homem mais sensível está mais próxima do conceito de feminilidade, característica contrária à virilidade anunciada. Temia-se em Lampião, sua sensibilidade, a possibilidade de outro modelo de ser homem.

A partir da busca de uma nova definição de sua virilidade, o homem depara-se com a ansiedade e faz uma confissão de desamparo. A crise atual do masculino é a crise de poder do macho. Confusos, eles buscam elementos exteriores para poder compensar seus elementos internos, seja através de trabalhos excessivos, sedução dom-juanesca (sem compromisso afetivo) seja através de malhação.

Paulo Roberto Ceccarelli (1998, p. 8), observou que nas teorias freudianas existe um silêncio sobre a masculinidade, como se possuir um pênis fosse a garantia da passagem do masculino à masculinidade. Ao contrário dos ritos iniciáticos que ocorriam em culturas antigas, para ser homem é preciso tornar-se homem, ou seja, o caminho para a masculinidade precisa ser conquistado. Ao mesmo tempo permanece sempre possível o risco de perdê-la.

Ritos violentos estão presentes em diversas culturas para possibilitar que um menino conquiste a masculinidade. Entre os Bimin-Kuskusmin, de 7 a 10 anos de idade, que vivem em Papua Nova Guiné, eles são flagelados com varas e urtigas e sofrem vômitos induzidos durante quatro dias com a finalidade de excluírem de seus organismos todos os elementos femininos que trazem desde o nascimento. Sofrem ainda um corte no umbigo para acabar com as últimas ligações com mãe, para só assim terem nomes masculinos (POOLE, 1982, p. 99 *apud* TREVISAN, 1998). Bourdieu traduz bem essa realidade. A virilidade como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino (1999, p. 67).

Para as meninas a passagem para a feminilidade é marcada pela primeira menstruação, ou seja, o feminino possui uma identidade mais configurada, pela sua relação com a natureza enquanto que o masculino depende do meio social, o que o torna fragilizado e ameaçado. Possuir um pênis não garante a virilidade. Ai encontra-se o drama identitário da masculinidade. Esta vai sendo construída diante do social e através da negação do feminino.

Essas tentativas patriarcais de amenizar, através do rito de iniciação, a passagem, para a masculinidade, acaba por reforçar o trauma do tornar-se homem, ao impor a severa oposição de tudo que possa vir a ser feminino. Desta forma, podemos dizer que a masculinidade é um gênero severamente vigiado, tanto pelo feminino, como pelo próprio masculino.

Paulo Roberto Ceccarelli (op. cit), afirma que a identificação com o pai constitui a chave para compreender a masculinidade, pois é o pai quem se encarrega da função de passar a virilidade ao filho. Entretanto essa relação pai-filho não é fácil, pois conforme a teoria edipiana de Freud, o menino tem com o pai uma relação ambivalente: sente ao mesmo tempo, amor ao protetor e ódio ao rival, marido da mãe.

Um dos grandes problemas identitários masculinos é a ausência paterna, já que o pai serve de imagem e inspiração para o filho. Sem esse referencial, o homem vai em busca de seu semelhante, para talvez, encontrar sua identidade. Para Ceccarelli (op. cit), a maturidade psicológica do filho só se completa quando ele ocupa o lugar do pai dentro de si mesmo. Quer dizer, o homem precisa matar simbolicamente o pai para encontrar sua identidade, mas acaba idealizando-o como a imagem daquele mistério buscado: o masculino. A possibilidade de tomar o lugar do pai constitui um dos motivos da incompletude básica do masculino e um dos principais motivos de sua crise gerando uma obsessiva necessidade de auto-afirmação.

Em Totem e Tabu (1913-1914, p. 144) Freud relata o mito:

“Certo dia os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim a horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente [...] o violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força”.

Compreendemos que isto possibilita uma relação com os dados de identificação do sujeito com seu pai. Os homens foram assumindo postura endurecida afastando-se da ternura e da amabilidade, dimensões identificadas com o feminino. A literatura aponta para a possibilidade da organização do masculino poder ser menos traumática quando diminuir a tensão do

homem em possuir em seu interior, componentes femininos, refazendo o equilíbrio entre masculino e feminino, entre anima e animus.

James Hollis (1997, p. 154) sugere uma direção para a possível cura da ferida masculina: correr o risco de amar outros homens, já que o elemento passivo (o outro) está inserido no cerne do masculino. Ou seja, o masculino só decifrará seu enigma aprendendo simultaneamente a ser e não ser. O homem moderno encontra-se constrangido em eliminar o velho patriarca e reinventar o pai e a virilidade por ele outorgada. Kierkegaard, citado por Hollis, diz de que não é possível salvar nossa era enquanto ela não se convencer de que está perecendo. De modo análogo, não haverá mudança alguma se os homens não tomarem consciência de sua crise.

Considerações finais

Nossa intenção primeira com esta pesquisa foi, não apenas enfatizar os estudos sobre a masculinidade e sua relação com os modelos culturais impostos ao tornar-se homem, mas também verificar como esta relação é construída, se ela traz benefícios ou malefícios para a vida do homem em questão e sua relação com as condutas violentas. A partir deste trabalho questionamos o tipo de educação que se dá aos filhos homens, estimulando-os a não chorar, a serem sempre independentes e ligados ao mundo externo.

Os modelos postos pela cultura, plasmaram os jovens estudados, fazendo deles seres endurecidos, por uma decorrência da repulsa sugerida socialmente, a qualquer sentimento considerado feminino, seja ele de afeto, carinho, dependência ou fragilidade. O masculino construído revelou-se atravessado por atitudes misóginas, homofóbicas, homoafetivas e homoemocionais. Uma masculinidade construída tanto sob a negação do feminino como da recusa do sentimentalismo e do medo da homossexualidade.

Identificamos que houve para alguns participantes, situações de constrangimento, traumas ou níveis elevados de ansiedade e presença de comportamentos endurecidos como forma de resposta ao modelo cultural exigente de ser homem. Embora seja clara a insatisfação dos sujeitos com estes modelos impostos, é unânime, e para nós um paradoxo, a satisfação que eles revelam com suas construções masculinas. Condenam os modelos sim, mas acham-se adequados como homens, neles plasmados. Curiosamente recusam e reafirmam tais modelos, como se não pudessem perceber-se como homens, fora de seus parâmetros. Visto em linhas gerais, o trabalho aponta para uma inequívoca submissão aos modelos culturais. Ninguém se arrisca a ser avaliado de forma duvidosa por seus pares de cultura. Nas expressões é forte a

recusa e constante a afirmação de que se faz necessário mudá-los. Essa ambivalência é lugar de angústia e desamparo. Como ser homem hoje, se não podem eles admitir sensibilidades em si, se não podem ter afeto por outros homens?

Encontramo-nos por fim, diante de uma masculinidade atravessada por contradições, mas uma masculinidade que responde ao propósito do ser homem nessa cultura: homem endurecido, sem nada que o aproxime do feminino, do emocional, sensível, estético ou terno. Quase todos apresentaram produção de condutas violentas, sobretudo quando alguém fala da mãe, ou de alguém querido. Outra fonte de violência é o fato de ser traído ou de ter sua moral abatida perante outrem.

Estávamos temerosas pelo fato de sermos mulheres pesquisando acerca da masculinidade. Também nos interrogávamos se isso interferiria na narrativa dos participantes. Contudo nos deparamos com o inverso, com uma abertura e disponibilidade sem constrangimentos por parte dos participantes para falarem de algo a que não estão acostumados, ou seja, a falar de si mesmos, de sua construção pessoal. Compreendemos que, afinal de contas, um homem não fala de suas dúvidas, inquietações, derrotas ou fraquezas para outro homem. Inclusive muitos deles agradeceram a oportunidade que tiveram de ser ouvidos, e pela possibilidade de falar de um assunto antes não falado ou questionado. Esse é um tema quase sempre colocado na ordem da obviedade, do indubitável com que é vista a masculinidade. Ela está construída através da obediência a um corpo rígido, sem emoção, dirigido para o número de conquistas, da independência financeira, não deixando margens a dúvidas.

Referências bibliográficas

BORIS, G. D. J. B. **Falas de Homens**. A Construção da Subjetividade Masculina. São Paulo/Fortaleza: Editoras Annablume e Secult, 2002.

CECCARELLI, P. R. A Construção da Masculinidade, **Percorso** 19-2/ 1998, p. 49 a 56. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm>> Acesso em 27/01/04.

CUSCHINIR, L. **O Homem e suas Máscaras**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

DORAIS, M. **O Homem Desamparado**. Crises Masculinas: Compreendê-las para Enfrentá-las. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

FREIRE, J. **A inútil dureza da condição masculina**. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, Domingo, p. 5-7, 18/02/1996.

FREUD, S. _____. IV **O retorno ao totemismo na infância**. Volume XIII.

HOLLIS, J. **Sob a Sombra de Saturno: a Ferida e a Cura dos Homens**. São Paulo: Paulus, 1997.

NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POLLACK, W. **Meninos de verdade: Conflitos e desafios na educação de filhos homens**. 1a ed. São Paulo: Alegro, 2000.

PONZIO, A. F. **Ex-cangaceira narra morte de Lampião**, Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1995.

TREVISAN, J. S. **Seis Balas num Buraco Só: A Crise do Masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SEXUALIDADE E SAÚDE EMOCIONAL

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

SEXUALITY AND EMOTIONAL HEALTH

“Com o prazer a vida é uma aventura criativa; sem ele é uma luta pela sobrevivência”. (A. Lowen)

Resumo: A psicanálise coloca na base do sofrimento psíquico e emocional, a questão da insatisfação, sobretudo a insatisfação sexual. Isso nos remete à compreensão de que o prazer tem um lugar especial na construção do bem estar humano, em nossa saúde emocional. Esse bem estar não resulta apenas de prazeres conquistados, mas da forma como acolhemos a vida em sua totalidade, em suas dimensões prazerosas e sofridas, em sua agonia e seus êxtases. Nesse texto analiso o “ser só”, “ser separado”, como a condição mais natural de nossa realidade. A partir dela é que somos provocados para o exercício do encontro com alguém e isso mitigará nossa agonia de nos sentirmos carentes e incompletos. Dessa forma o amor é destacado como busca inquieta, como algo que nos falta, longe da plenitude. Por fim enfoco a sexualidade como um dos componentes da saúde emocional das pessoas.

Palavras-chave: Sexualidade. Bem estar. Ser só.

Abstract: Psychoanalysis links the psychic and emotional suffering, to the question of dissatisfaction, particularly sexual dissatisfaction. This takes us to the understanding that the pleasure has a special place in the construction of human well-being, and in our emotional health. This well-being comes not only from conquered pleasures, but how we welcome the life in its entirety, in their dimensions pleasurable and suffered, in his agony and its ecstasies. In this text I analyze the "individual alone", the "individual separate" as the most natural condition of our reality. From it we are challenged to the exercise of the encounter with someone and this will mitigate our agony of feeling poor and incomplete. . Thus love is highlighted as restless search, as something that we lack, and keep us away from the fullness. Finally will focus on sexuality as one of the components of people's emotional health.

Keywords: Sexuality. Well being, To be alone.

I. O amor, a falta e a angustia de ser só

Das falas acerca do amor, a do Banquete, de Platão (1995), parece das mais completas. Dos sete discursos ali mantidos, destaco dois momentos importantes para esta reflexão. O primeiro é quando Aristófanes narra o mito da origem e nos oferece a imagem do andrógino como um ser com pleto, feliz talvez. Explicava ele que nossa natureza na origem era diferente, ou seja: nossos ancestrais eram duplos, esféricos, tinham órgãos duplos. A dualidade genital explica que havia três gêneros na espécie humana; os machos, as fêmeas e os andróginos, que tinham

· Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 9(2), 1998, p. 185-90. São Paulo: Iglu, 1998.

¹ Psicóloga. Membro da Comissão de Qualificação da SBRASH.

ambos os sexos. Todos tinham força e bravura excepcionais e tentaram escalar o céu para combater os deuses. Zeus indignado com tal ousadia resolveu puni-los cortando-os ao meio. Acabava a completude, a unidade, a felicidade. A partir daí cada um é obrigado a buscar sua outra metade. Esse mito nutriu em nossa cultura, a ilusão da grande e definitiva completude. O sonho de Aristófanes nos libertaria talvez da solidão, nos enviaria a um amor total, à união per feita, à idéia de que poderemos ser “felizes para sempre”, ou “até que a morte nos separe”, ou ao sonho da Cinderela encontrando o príncipe encantado.

Sponville (1996) comentado esse mito afasta de nossos sonhos a idéia existente de uma união perfeita, idealizada pelo “encontro da outra metade”. Lembra ele que nada mais improvável e nada mais contrário à nossa experiência cotidiana do que “*esses dois seres que formam um só*”. Mostra inclusive que é preciso ser dois para fazer amor, razão porque o coito, ao invés de abolir a solidão, a confirma, isso porque, depois do amor, voltamos à condição de separados. “*Eles queriam ser um só e ei-los mais dois que nunca*” (SPONVILLE, 1996). Nesse ciclo podemos escapar da tristeza pelo maravilhamento do prazer, do amor, do encontro. Sponville nos alerta porém, que o amor,vo encontro, supõe a dualidade, não a fusão dos seres ou a abolição das diferenças.

O segundo momento é quando Sócrates, para falar do amor, invoca Diotima e ela diz que o amor não é Deus, nem um deus, mas amor a alguma coisa que desejamos e que nos falta. O amor é revelado não como completude, mas como incompletude, não é fusão, mas busca, não é perfeição plena, mas pobreza devoradora. O amor é desejo, e desejo é falta, o amor “*ama aquilo que lhe falta e que não possui*”, diz Platão (1995). O que não somos, o que não temos, isso é que é objeto de desejo e de amor.

A imagem que Diotima faz do amor é a de que ele “*é sempre pobre, sem sapatos, sem domicílio, inquieto, sempre na pista do que é bom e belo, sempre caçando, inquieto, ardente, cheio de recursos, esfaimado, ávido*”. A própria imagem da falta. Imagem que nos distancia muito da idéia de completude posta no mito por Aristófanes.

Como poderíamos então escapar dessa carência, dessa pobreza revelada por Diotima? O amor não escapa da falta, da miséria, da infelicidade, a não ser parindo, diz Platão (1995). Uns parem segundo o corpo, solução mais fácil e mais natural, outros segundo o espírito, criando, produzindo arte, ciência, como uma possível solução para a condição faltante do amor. A proposta criadora vai se tornando mais exigente e Platão fala do parto da beleza: amar primeiro um só corpo por sua beleza, depois todos os corpos belos, depois a beleza das almas

que é superior à dos corpos, depois a beleza das leis, das ciências, enfim a Beleza absoluta, o Belo em si. *“É aonde nos conduz o amor, é o que o salva e nos salva”*, diz Diotima. Ou seja, o amor posto para fora de si mesmo, num êxtase de si no outro, deixa de ser egoísmo, ausência, vazio.

A partir da idéia do ser dois e não um, até mesmo no ato amoroso, podemos refletir que há na base do ser humano uma angústia de ser separado. Angústia da qual nos reconfortamos na fusão amorosa/sexual. Mas, como um ciclo, depois do amor, nos deparamos de novo com o vazio de ser só. Ser só não é nossa perdição, é nossa condição humana. Encarada, acolhida essa angústia, essa inerência sofrida, ela é posta a serviço da vida. É aí o lugar do aprofundamento do ser, é daí que se pode partir maior, mais si mesmo para a partilha amorosa com outra pessoa.

II. A busca da satisfação como caminho de bem estar

O prazer da unidade amorosa é provisório. Mesmo assim ele nos resgata. O ato amoroso sexual torna-se uma espécie de repouso desse ser só, um resgate provisório de nosso sonho mítico de inteireza. Parece ser este o papel essencial do prazer sexual na experiência humana: o de oxigenar nossa solidão, o de embasar o bem estar, a saúde emocional da pessoa. A experiência de amar e sentir-se amada, pode ser vivida como a mais completa sensação de saúde. Em geral a pessoa feliz é também saudável.

Um grau de satisfação básica na experiência humana é necessário, é estruturante da auto-estima do sujeito, de sua capacidade de amar e ser amado. Por isso o homem busca, se dirige, anseia, pensa deseja e sonha. Uma espécie de tropismo o move nessas direções prazenteiras do existir. O organismo é impelido a encontrar algum objeto que satisfaça, pelo menos parcialmente, essa busca. A sexualidade enquanto um caminho de prazer, e fonte natural de satisfações, pode atender parte dessa demanda. Jamais completamente, porque a experiência de satisfação inclui sempre uma falta. Ela é também a experiência de um vazio no sentido de que nunca se completa. Essa é uma característica própria da sexualidade humana. Paradoxalmente buscamos algo que sabemos, jamais será pleno.

A sexualidade não é o único caminho de prazer, a única fonte de satisfação. É a mais forte, a mais imperiosa e concreta possibilidade prazerosa, mas não a única. Sem dúvida o prazer orgástico impõe-se como a maior referência prazerosa. Contudo a possibilidade humana de gozo é quase infinita. Há uma gama incomensurável de possibilidades prazerosas que se aninha na teia de relações que estabelecemos conosco mesmos, com os outros, com as coisas,

com a natureza, com o mundo. Neste sentido o prazer orgástico pode polarizar a pluralidade de prazeres que a vida possibilita, como uma grande síntese.

III. As marcas do tempo e da cultura sobre a libido

“*O mal estar básico do final desse milênio está na queda da libido*”, anunciava Ivan Corrêa, no Encontro do Centro de Estudos Freudianos em Recife, 1997. Parece paradoxal essa afirmação num tempo de tanta “liberação sexual”. Como declinará a libido se ela é tão estimulada hoje em dia? Talvez devamos nos perguntar, que liberação se dá de fato? Na verdade, o que está sendo liberado não é a libido em sua vertente erógena, mas o consumo sexual. A dimensão erógena do sujeito faz parte de sua internalidade. Isso a diferencia em muito do consumo sexual.

A vida na sociedade pós-moderna tem se apresentado como uma imensa acumulação de espetáculos, como uma inversão concreta da vida. Esse é o modelo atual da vida dominante na sociedade. Guy Debord (1997) analisando a Sociedade do Espetáculo mostra o social mergulhado no êxtase das encenações. Este espetáculo é o de uma sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta. Esse espetáculo mediado pelas imagens, é a afirmação da aparência e a afirmação da vida humana como simples aparência. Nesse contexto de encenações, a sexualidade também circula em palavras e imagens como a mais universal das mercadorias.

A aparência que é própria da Sociedade do Espetáculo assume ares de positividade, obedecendo à lógica de que “o que aparece é bom, e o que é bom aparece”. Mas, o que aparece? Mostra-se o banal, o efêmero, o consolo infantil do consumo, o fascínio e o monopólio da mercadoria. Debord fala da degradação que sofreu a realização humana, e mostra o sucessivo deslizamento que ocorreu, do SER para o TER, e agora, para o PARECER. Nessa conjuntura é importante parecer ser feliz, parecer ser rico, potente ou sociável. É o espetáculo como avesso do valor vivido, o pseudo uso da vida, o pseudo gozo do mundo. O consumo torna-se uma espécie de religião diante da liberdade soberana da mercadoria e o consumidor torna-se um consumidor de ilusões.

Nesse contexto do faz de conta, não estará a libido sendo mais impedida do que liberada? A libido encerra dimensões de busca do prazer que escapam à parafernália midiática do que é dito ou mostrado acerca do sexo. A libido é busca sim do prazer de ver, de ouvir, de consumir, mas também o prazer que é de outra ordem, que é capacidade de gozo, que a

caracteriza como erótica. E o que é erótico está na internalidade do sujeito. “*Erótica é a alma*”, diz Adélia Prado (1991). Erótica é a linguagem diria Santaella, “*a que percorre, como um tremor na espinha, os tecidos subcutâneos da escritura*” (apud CHALHUB, 1993). É essa alma erótica que possibilita o gozo.

A alma porém é negada no processo de banalização discursiva, no espetáculo do sexo, na imposição voyeur de nossa cultura consumista. O corpo é consumido como se consome coisas. A busca de coisas para ser consumidas ilude nosso vazio do prazer não satisfeito. Nenhum mal existe no prazer que é extraído das coisas, mas no estancar nelas enquanto ilusão de preenchimento. Há uma ânsia de consumir, de preencher, e torna-se mais fácil consumir as coisas. A. Jabor diz que há uma felicidade nas coisas, que elas são compráveis, comparáveis, e acima de tudo as coisas não sofrem, diz ele. Coisificamos também o corpo do outro, talvez para consumi-lo sem o sofrimento dos enroscamentos afetivo/amorosos. Talvez esses sejam alguns dos males emocionais com os quais nos deparamos nesse fim de milênio: o sacrifício da alma que é erótica, o sacrifício do afeto, o medo do envolvimento, a prevalência do desempenho sobre a emoção.

Qual será o efeito desse sexo desnudado, encenado, destituído do afeto e de seu mistério? Qual será o destino do afeto banido do sexo, das relações? Joyce McDougall (1987) diz que todo afeto suprimido do psiquismo, tende a retornar em forma de sintoma. De certo, serão sintomas que se erguem como barreiras ao prazer, à felicidade, que afetam nosso bem estar emocional. Falando das representações coletivas da sexualidade como os Sex-shops, a pornografia, Joyce aponta para um sintoma social. Diz ela: “*Talvez exista aí um efeito de aplainamento: as pessoas não inventam mais as suas próprias fantasias masturbatórias, elas as compram. A falta de imaginação pode tornar-se, um dia, um sintoma neurótico*” (idem). Esse aplainamento, é a tentativa de apagamento da singularidade, da experiência como coisa única, como alcance do ser.

IV. A sexualidade e a saúde emocional

A sexualidade desliza de sua dimensão instintual para a representação, salta do instinto à pulsão. Torna-se o lugar enigmático em que o homem e o animal, a Natureza e a natureza humana encontram-se. Por isso ela é muito intensa e duradoura no imaginário onde ela transpõe o concreto. Na alma erótica, na poética, na arte, ela faz-se eco, ressoa no espírito, como uma boa gargalhada, alimentando o bem estar do indivíduo, promovendo saúde emocional.

A sensação de saúde é uma sensação de inteireza, de harmonia, de bem estar, de vitalidade e de prazer com o corpo, com a vida e com as relações. Em sua etimologia, a palavra saúde quer dizer “integral”. A saúde reúne então aspectos do corpo, do imaginário, do social, do psíquico, do espiritual. Reflete-se na vitalidade do corpo, no gosto de si, no gozo de viver, no brilho dos olhos, na soltura da expressão, na graciosidade dos movimentos, na sexualidade expressiva e prazenteira.

Não penso que apenas os estados de satisfação promovem saúde emocional, mas a integração das diversas dimensões que constituem cara e coroa do viver. Olhar a vida como possibilidade de gozo e dor, de agonia e êxtase, de vazio e plenitude é sinal de equilíbrio. Viver é uma busca de equilíbrio no desequilíbrio. O êxtase não seria tão encantador se não conhecessemos a agonia; o encontro não seria tão fecundo sem a experiência da solidão. Numa dinâmica da possibilidade/impossibilidade a gente se mantém no fio da sabedoria trágica, inventando formas mais econômicas de lidar a cada instante com o que somos e o que não somos, com o que temos e o que não temos, com o que gozamos e o que doemos.

“A sanidade mental não poderia medir-se apenas pelo bem estar”, lembra Sponville (1997). A angústia é algo que nos acompanha desde o momento do nascimento até a morte, portanto ela faz parte da vida. É muito angustiante nascer, como é angustiante morrer. Entre um polo e outro transcorre a vida: angustiante e maravilhosa. Seria enganosa a busca de felicidade que negasse essa verdade do existir humano.

A relação amorosa é igualmente angustiante, porque o outro, meu objeto de desejo, é diferente de mim, não me deseja como quero ser desejado, não se envolve na medida do meu sonho, e é capaz de partir e me abandonar a sós com meu desejo. Em lugar do desafio do conviver fica mais fácil consumir “coisas felizes”, “pílulas felizes” a enganar o próprio vazio. No entanto é lá, no mais dentro que somos felizes, e infelizes. É aí que nos construímos, que nos inventamos. É nesse mais dentro que será possível aninhar a verdade inevitável do finito que somos, com carinho, com dignidade, sem desespero, com o Narciso na mira de um mais além do próprio espelho. *“Não se trata de não sofrer... mas de ser feliz tanto quanto se conseguir, e, nunca se é feliz senão aproximadamente”* (SPONVILLE, 1997).

Referências bibliográficas

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

CHALHUB, S. **Poética do erótico.** São Paulo: Escuta, 1993.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

McDOUGALL, J. **Conferências brasileiras**. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.

PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SPONVILLE, A. C. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Bom dia, angústia!** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEXUALIDADE FEMININA – A LINGUAGEM DO CORPO

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

FEMALE SEXUALITY BODY LANGUAGE.

Resumo: Tomando por base alguns autores, procede-se a uma série de reflexões críticas, sobre as influências do meio ambiente e da cultura no desenvolvimento da sexualidade feminina. Iniciando-se com a clássica citação de Simone de Beauvoir de que “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, pontua-se uma série de crenças, atitudes, valores e comportamentos, que serão as constantes vinculadas ao desenvolvimento da feminilidade.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Influências sociais e culturais. Gênero.

Abstract: Based in some authors, we proceeded a series of critical reflections on the influences of the environment and the culture in the development of female sexuality. Starting with the classic quote from Simone de Beauvoir that "not born woman becomes woman", we points out a series of beliefs, attitudes, values and behaviors, which will be linked to the constant development of femininity.

Keywords: Female sexuality. Social and cultural influences. Gender.

“*Não se nasce mulher, torna-se mulher,*” anuncia Simone de Beauvoir ao observá-la na história. Diria que, também não se nasce com o corpo erógeno pronto, mas em potencial. Ele se estrutura no contexto interativo de atitudes e linguagem que cercam o indivíduo, e que vão sendo internalizadas no curso de cada história. É arqueológica essa construção. Podemos pensar portanto, num “corpo processo”, que se constrói e se revela continuamente em seu erotismo, em suas linguagens. Não há corpo de história finda, mas corpo que se faz.

Como se plasma em nossas histórias esse corpo erógeno, sua linguagem e sua expressão adulta? E fora de dúvida que, desde os primórdios do existir humano, somos abertos e sensíveis ao que nos cerca. A ruptura da simbiose uterina e a liberação do grito primal, foram aventuras necessárias, condições imprescindíveis a partir das quais nos ligamos ao meio externo. A partir de então, os canais sensoriais vão registrando, inscrevendo em nossa psique, as pegadas da vida, os gestos, dores e emoções do cotidiano de cada um. Palavras, atitudes, expressões, sensações, emoções, tudo vai sendo captado, armazenado, introjetado pelo bebê, que, como uma esponja, absorve tudo o que lhe toca a superfície. A sexualidade humana se plasma em meio a estas inscrições que o corpo vai armazenando fielmente, como produto da

· Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 5(2), 1994, p. 142-46. São Paulo: Iglu, 1994.

¹ Psicóloga. Mestre em Antropologia da Universidade Católica de Pernambuco.

diversidade de gestos postos ao existir humano. As inscrições grudam ao corpo, de modo inconsciente, mas em cada célula, em cada *modus vivendi*. Deixamos de ser mera possibilidade, e resultamos numa história mnêmica singular.

Françoise Dolto (1989) analisa como se dá a estruturação do erotismo da menina, e o faz numa perspectiva desenvolvimentista, histórica e construtivista. Desde os primeiros momentos, a acolhida ou desapontamento dos pais face à chegada do bebê menina, a felicidade ou tristeza manifestada por ela ser uma mulher, a presteza ou hesitação com que lhe *conferem um* nome, se este nome é feminino ou neutro, os comentários acerca de sua aparência, saúde ou beleza, tudo referencia já, se ela está sendo bem-vinda à vida, se ela será aceita e amada como mulher. As atitudes dos pais, as coisas ditas consciente ou inconscientemente, são elementos com os quais o bebê menina vai construindo uma imagem de si, vai se narcisando ou se rejeitando em seu sexo e sua pessoa. O sexo biológico não lhe define ser mulher. A feminilidade vai se construindo em meio à linguagem circundante, em meio às expressões de aprovação, de consideração e de alegria por seu sexo. Isto é transmitido pelos adultos, mas sobretudo pela mãe quando expressa ou não o orgulho de ser mulher. E nesse espelho mãe, que a menina em desenvolvimento vai conferir, legitimar e reconhecer a dor e a delícia de ser mulher.

O desenvolvimento da motricidade proporciona a descoberta do corpo, e toma-se uma oportunidade progressiva para se fazer a nomeação de cada uma de suas partes, inclusive de seu sexo. Oxalá não se use para isto, termos depreciativos.

Eufemismos, apelidos, podem ser usados, como uma espécie de sobrenome do sexo, desde que não se omita o verdadeiro nome. Que não haja pudores de se nomear a vulva, o clitóris, a vagina, etc. “*O que não tem nome não é nada*”, diz F. Dolto (1989). Se nada é dito acerca do sexo, isso por si só gera uma tensão, que pode tornar compulsiva a manipulação dos genitais, como uma tentativa de desvendar o mistério do não dito, uma *espécie de* busca inconsciente de confirmação destas partes silenciadas. O papel do adulto é confirmar que ela é uma menina em seu sexo, que isso é bom, e que as diversas partes de seu corpo que ela está tocando e reconhecendo, lhe dão prazer. Isso legitima e registra como positivo, o que ela experimenta em seu corpo. Aí as dimensões do permitido/proibido vão ser fundamentais ao desenvolvimento de uma sensualidade sadia. Quando ela descobre a diferença sexual em relação ao menino é preciso dizer-lhe que é nessa diferença que ela é uma menina, que ela é como a mãe, que é bonito ser mulher, que ter vulva de menina é tão importante como ter pênis de menino. Isso lhe alicerçará nela a *percepção de* que as diferenças constituem a beleza de

sermos homens e mulheres, sem referência a qualquer hierarquia entre os sexos.

A curiosidade natural acerca da intimidade dos pais, será elemento de valorização do relacionamento amoroso, se lhe forem respondidas com transparência as questões daí provenientes. E hora de desvendar-lhe o mistério que envolve a cena primordial que dá origem à vida. A chegada da menarca, se referida como promoção, sinal de feminilidade e prontidão para a procriação, e não como doença ou desconforto, também será elemento de valorização natural do ser mulher. Se ela se narcisa com as características de seu sexo, a libido genital é despertada em relação ao falo e ao desejo de futura penetração. Cabem aí as informações sobre o mecanismo da ereção peniana, que lhe servirão inclusive de referencial acerca do desejo sexual despertado no macho. Em todo esse processo, a atuação da mãe pode construir na filha, o sentido estético-ético de sua sexualidade, num contínuo refletir, espelhar a identidade entre o corpo e a feminilidade de ambas. Tendo informações adequadas, a menina desenvolverá capacidade de pensar por si, e não apenas guiar-se pela mídia que, em geral, valoriza mais o prazer físico que a simbolização dos valores femininos. Adultos receiam fornecer estas informações, supondo que elas acordem precocemente o desejo. É um equívoco a reparar, porque, é o desejo amordaçado, não legitimado, que perturba, que perverte. A informação adequada torna natural a condição sexual, tranquiliza e torna a pessoa responsável em seu sexo.

O contexto familiar é o núcleo primeiro onde se plasma a sexualidade da mulher. Mas a cultura faz aí suas investidas e a sociedade termina por se refletirem nosso modo de ser. Em seu livro *Tabu do Corpo*, José Carlos Rodrigues diz que: *“...o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições; formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito”*. (1983) Importa constatar o quanto isso se reflete em nossa sexualidade. Mais explicitamente ele diz: *“Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar na superfície dos corpos, as profundezas da vida social.”* (idem). Através de ritos, códigos e leis, a sociedade proporciona cicatrizes de identidade. Cicatrizes que marcam, que lembram, que recordam o social imposto ao corpo. Verdiglione (s/d) acha que todo esse trabalho ideológico, é um processo de laceração, razão porque é preciso *“...por-se à escuta dos passos perdidos, por-se à procura das pistas quase desaparecidas que percorrem as mil veredas que atravessam os corpos.”*

E com esse corpo processo, corpo história, que vivemos a sexualidade. A cultura ocidental desenvolveu um conceito instrumentalista do corpo, que, reforçada pela visão dualista,

norteou toda uma negação do prazer em favor da produção. Particularmente, o corpo da mulher foi tomado produtivo. Apropriado pelo social para fins meramente procriativos, foi reduzido, submetido e colocado a serviço da família. O surgimento dos contraceptivos ajudou a revolucionar essa postura, e as mulheres começaram a se reapropriar do corpo. Mas ficaram sequelas da concepção utilitarista e inferiorizante do corpo e da mulher. Sequelas que pesam ainda sobre o prazer e a sexualidade da mulher atual. Sequelas-mensagens, linguagem de corpos impedidos. Apesar das mudanças já ocorridas, grande contingente de mulheres, ainda tem seu corpo como um estrangeiro, ou mesmo como um inimigo. Receiam o prazer e desconhecem suas sensações, ignoram a força e a importância da própria sexualidade. Essas sequelas se estampam quase sempre por sintomas que são verdadeiras mensagens, denúncias de pré-história do corpo feminino minimizado, negado em seu direito à sexualidade. Desinteresses sexuais, inibições do desejo, falta de excitação, dispareunias e vaginismos, podem estar denunciando essas histórias, podem evidenciar áreas do corpo como cárceres de prazer. A construção desses sintomas foi dinamicamente acontecendo através de inscrições historicizadas, peculiares ao processo de cada pessoa. O sintoma pode ser o signo de uma linguagem que não foi decodificada, inconsciente, portanto, linguagem de corpo doído.

Quando há uma trajetória positiva nas experiências relativas ao sexo, são possíveis significativas expressões do prazer. O corpo é sempre uma surpresa. Creio que o corpo feminino é tão potencialmente capaz de prazer, que precisou de uma cultura negadora e impeditora disso. Miticamente foi preciso deter Eva e Lilith em suas ousadias. A mulher liberta, que tem a sexualidade e o prazer legitimados, não receia a si própria, não teme a aventura da sensação que cada parte do corpo lhe proporcionar. É sua peculiaridade ser erógena de corpo inteiro, e se for tocada com sabedoria, revela uma gama imensa de sensações prazerosas. Trata-se de um prazer globalizante, não apenas genitália, mas pele total, sensação mesclada de sonho, poesia e metáfora. Corpo de mulher é assim, meio matéria, meio espírito. Atingida só no corpo matéria, não é alcançada em sua potencialidade. Frustra-se e frustra os homens que não a percebem como tal. Acho que o equívoco atual na busca feminina da sexualidade, é talvez uma ânsia da sensação do corpo pelo corpo, tentativa de certo, de resgate do que foi tanto tempo negado.

O feminino está para além da mera sensação. Lacan expressa isso, quando considera que a feminilidade se especifica por um desdobramento do gozo que não se reduz à oposição vagina-clitóris. Daí distingue o gozo do prazer. O gozo é gozo do SER, diz ele, e suporta o “eu sou”. Um gozo quase inacessível, porque não corresponde a desejo algum; um gozo que resiste a toda apreensão e raciocínio. Assim ele situa a sexualidade feminina num mais além

da função fálica Comentando Lacan, Serge André (1987) diz: “*Em seu gozo efetivo, ou pelo menos na parte de seu gozo que ultrapassa a referência fálica, uma mulher só pode querer para parceiro, um ser que se situe ele mesmo para além da lei do falo*”. Diria que a mulher goza em seu corpo e para além dele. Por isso ela evoca uma linguagem que nem todos os homens entendem. Apenas aqueles que se superam em sua genitalidade, que vão além da mecânica dos corpos e do prazer que daí resulta. Roland Barthes dá idéia de como isso se processa: “*Além da cópula há esse outro enlace que é o abraço imóvel. Estamos encantados, enfeitados. Estamos no sono sem dormir.*” (1989).

Referências bibliográficas

ANDRÉ, S. **O Que Quer uma Mulher?** Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BARTHES, R. **Fragmentos de um Discurso Amoroso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

DOLTO, F. **Sexualidade Feminina.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

VERDIGLIONE, A. **Sexualidade e Poder.** Lisboa: Edições 70, s.d.

SEXO, MULHER E PUNIÇÃO – A SEXUALIDADE FEMININA NUMA INSTITUIÇÃO PENAL

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

SEX, WOMEN AND PUNISHMENT - FEMALE SEXUALITY A PENAL INSTITUTION.

Resumo: A vida sexual em prisões não tem constituído uma preocupação social. A abstenção do sexo nesses contextos parece entendida como fato natural, integrando a pena que o indivíduo cumpre. O fato é mais claramente observado quando se trata de prisões femininas. Na Colônia Penal Feminina do Bom Pastor (CPF), em Recife, mulheres presas vivem nos dias atuais sem perspectivas de relacionamento sexual com seus parceiros. A Instituição é dirigida por freiras e a repressão sexual é intensa. Apesar de rigoroso controle das expressões da sexualidade, as mulheres encontram formas alternativas de vivê-la, sobretudo através da masturbação e da homossexualidade. Por essas práticas “transgressoras” e “desviantes” da sexualidade, as detentas afirmam-se e se restabelecem como sujeitos. As manifestações sexuais na CPF são uma forma de contrapoder desafiador das normas institucionais do desprazer.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Punição. Instituição penal.

Abstract: Sexual life in prisons has not being a social concern. Sex abstention in the prison context is taken as a natural fact and part the punishment. This is clearly observed in female prisons. In Women's Penal Colony of Bom Pastor (CPF), in Recife, women are stuck living today without prospects for sexual relationship with their partners. The Institution is run by nuns and sexual repression is intense. Despite thorough control of the expressions of sexuality, women find alternative ways of experiencing it, primarily by masturbation and homosexuality. By these practices "flouts" and "deviant" of sexuality, inmates ascertain their subject claims. Sexual manifestations in CPF are a form of institutional standards challenging countervailing displeasure institutional rules.

Keywords: Female Sexuality.Punishment. Penal Institution.

Introdução

A CPF é a única penitenciária feminina do Estado de Pernambuco, e é dirigida pelas Irmãs do Bom Pastor. Um universo de 50 a 60 pessoas compõe a população carcerária que cumpre pena sob a guarda da Congregação. Estudei esse grupo, buscando compreender o que ali acontece: como se expressa a sexualidade e de que forma ela é controlada pela Instituição; que peso tem, para esse controle, o fato da CPF ser dirigida por religiosas, além de ser uma Instituição Total. Com esse estudo, objetivei fazer uma leitura dos contextos institucionais controladores da sexualidade das detentas e identificar as formas alternativas por elas encontradas de expressar-se num contexto unissexual, onde o sexo é concebido como pecado, como desvio, como dimensão negativa do humano.

¹ Artigo publicado na **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 2(1), 1991, p. 69-78. São Paulo: Iglu, 1991.

¹ Psicóloga. Mestre em Antropologia. Terapeuta sexual.

Desde 1971, as prisões masculinas em Pernambuco tiveram possibilitadas as “visitas íntimas” - eufemismo utilizado para designar a prática de relações sexuais na prisão, por ocasião da visita da parceira. A CPF continua até hoje sem oferecer as condições para que as detentas recebam as visitas a que têm direito, dada a estrutura religiosa que administra a Instituição. A realidade estudada não é problematização constante nas ciências sociais e humanas, de modo que se verifica grande escassez de estudos científicos da sexualidade nas prisões, particularmente as femininas.

Método

A abordagem da sexualidade é naturalmente dificultada ao pesquisador, devido à gama de preconceitos que envolve o tema na sociedade. Na CPF, onde o contexto religioso vigia e pune o sexo como prática transgressora, o discurso fica perigoso. O corpo sexual da mulher detida passa a não se revelar facilmente nesse contexto. Torna-se um corpo perseguido, e apenas sob condições de segurança, na certeza do sigilo e na confiança estabelecida, é que ele se revela em sua dimensão sexual. Por isso, convivi com as detentas durante dois anos, como observadora direta de seu cotidiano. O estudo foi realizado de agosto/86 a fevereiro/88.

Utilizei informações obtidas nesse convívio com a população carcerária, além de entrevistas com os funcionários e com a direção da CPF. Selecionei, contudo, dentro de critérios estabelecidos, 16 mulheres para a realização de Histórias de Vida, através das quais busquei uma ordenação cronológica das experiências sexuais por elas vividas desde a infância até o momento na CPF. A Tabela 1 enfoca as características gerais deste universo:

Tabela 1 – Universo das Histórias de Vida.

Nº	Idade	Tempo na CPF	Enquadramento	Pena	Instrução	Filhos
1	23	3 anos	Art.157 ¹	46a.	6ºS.	1
2	21	1a.6m.	Art.157	-	5ºS.	-
3	28	1 a.8m.	Art.121 ²	16 a.	1ºS.	2
4	22	2 a.	Art.157	15 a.	8ºS.	2
5	33	4 a.6m.	Art.121	43 a.	Analf.	7
6	23	1 a.6m.	Art.12 ³	6 a.	8ºS.	3
7	33	4 a.	Art.157	12 a.	5ºS.	2
8	28	1 a.6m.	Art.12	-	3ºS.	2
9	24	3 a.6m.	Art.121	13 a.	2ºS.	1
10	32	10m.	Art.12	4 a.	Analf.	2
11	24	1 a.6m.	Art.157	2 a.8m.	6ºS.	2
12	27	2 a.6m.	Art.12	3 a.	4ºS.	2
13	21	2 a.6m.	Art.12	3 a.	5ºS.	-
14	36	2 a.6m.	Art.121	12 a.	4ºS.	3
15	44	9m.	Art.12	3 a.6m.	Analf.	10
16	45	6m.	Art.12	6 a.	1ºS.	2

¹ Homicídio; ² Roubos, assaltos.; ³ Lei de tóxico em vigor que “dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou que determinam dependência física ou psíquica e dá outras providências”.

A Instituição

Na CPF encontram-se dois grupos distintos de mulheres: são as detentas e as freiras, Evas e Marias, prostitutas e virgens, profanas e sagradas, o que é muito significativo para as relações que ali se estabelecem. Também a imagem bíblica da figura do Bom Pastor que carrega nos ombros a “ovelha perdida” é indicadora das relações entre os grupos e do sentido que a sexualidade tem no projeto apostólico das irmãs: sua negação.

A estrutura religiosa da CPF apóia-se no ideal cristão da castidade como um bem maior do que a vivência da sexualidade. A busca da felicidade é orientada para a “outra vida”, desprezando-se a vida terrena e seus prazeres. Vigia-se, controla-se e trabalha-se o corpo das detentas na perspectiva da transformação do espírito. O modelo ascético vivido pelas irmãs é de certa forma implantado na comunidade carcerária, que sobrevive como pode à privação sexual. Concebidas como desviantes, pecadoras, a expectativa mantida para com elas é a do arrependimento. Um modelo alternativo de mulher é então mostrado através de um quadro afixado na sala de visitas da CPF: é Maria Madalena, chorando aos pés de Cristo, símbolo bíblico da mulher arrependida de seus pecados sexuais.

O ambiente físico da CPF é marcadamente vigilante da sexualidade e da “moral”. A sala de visitas é excessivamente decorada com ícones religiosos. O cenário principal da vida das detentas é um pátio central ajardinado, mas, ali também, em meio às plantas, uma grande imagem do Senhor Morto com o corpo chagado lembra às mulheres a meta redentora da Instituição que as guarda. Paradoxalmente a todo esse conjunto “sacralizado”, uma mulher diz: *“Isso aqui é um inferno com cara de céu”*. Outra reforça essa visão: *“Aqui tudo não passa de aparências; é como um túmulo: lindo por fora, podre por dentro”*. A violência simbólica da ambientação religiosa parece culpabilizar o desejo.

O corpo na instituição

A transgressão sexual é, na CPF, a maior fonte de castigos e as mulheres recebem manifestações mais explícitas do próprio desejo. A sexualidade mantém-se aí sob o signo do medo. O trabalho de sujeição do corpo é pensado, calculado pela Instituição, por uma *“tecnologia política do corpo”* e uma *“microfísica do poder”*, como diz Foucault (1984). O corpo é confinado e trabalhado para tornar-se dócil, submisso, produtivo e regenerado através de uma “micropenalidade” capaz de administrar o tempo, as atividades, o modo de ser, a sexualidade, a vida do indivíduo. Dá-se uma apropriação social e institucional do corpo das internas.

Toda essa regulamentação, comando de gestos e necessidades, encontra respaldo no pensamento judaico-cristão que vê o corpo como um cárcere da alma. O pensamento e a moral cristãos mantiveram uma grande desconfiança acerca do corpo e da sexualidade. Visto assim negativamente, o corpo deve ser mortificado para silenciar nele o desejo. Desenvolveu-se um tropismo para a dor e uma aversão pelo prazer, condições ascéticas que tornaram-se a base principal da repressão sexual.

As mulheres da CPF

As detentas refletem a fisionomia da sociedade à qual pertencem. Têm corpos marcados por cicatrizes de balas, de peixeradas, por seqüelas ao uso de drogas e seqüelas de maus tratos policiais. Refletem igualmente a cultura e a classe social a que pertencem: tatuagens mal feitas, nomes pelo corpo, uma acentuada “morenidade”. São signos diversos, indicadores da baixa condição sócio-econômica-cultural do grupo. As estratégias de sobrevivência da maior parte delas eram a prostituição e o tráfico de maconha. Algumas sobreviviam como “descuidistas” ou “lanceiras”, a arte dos pequenos furtos. Outras participavam de assaltos, integrando ou não alguma gang. A maior parte delas fazia uso dos espaços ilícitos que lhes sobrava no mercado de trabalho. Nenhuma delas era proprietária dos campos de plantação de maconha, mas pequenas traficantes da erva. Uma detenta me explicava: “*Foi vendendo maconha que comprei os móveis da casa e botei as meninas pra estudar*”. Outra falava de seu esquema de sobrevivência com tristeza: “*Muitas vezes, pra almoçar ou tomar café, eu tive de vender as minhas carnes*”. A Tabela 2 expressa a realidade econômica do grupo.

Tabela 2 – Renda das detentas ao chegar à CPF*

Renda	Total
Inexistente	9
0 a 1 salário mínimo	36
1 a 3 salários mínimos	3
3 a mais salários mínimos	4
	52

* Do Relatório do Serviço Social da CPF em outubro/86.

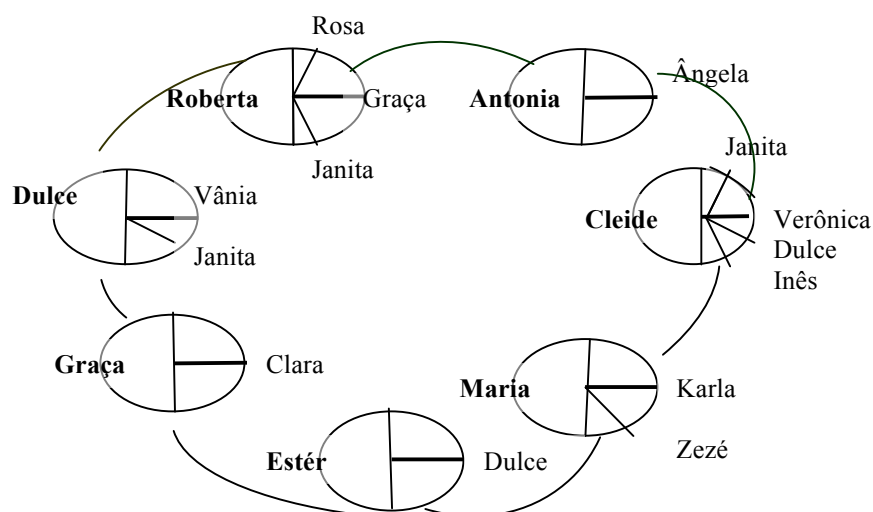
A sexualidade possível na CPF

Pelas Histórias de Vida das mulheres, e por ter convivido dois anos com a Instituição, pude observar que o contexto religioso, negador do sexo e controlador de suas manifestações, tornou-se o produtor de uma sexualidade considerada “desviante” e conseqüentemente

culpabilizada. Essa sexualidade “adoecida” é um produto institucional.

As manifestações possíveis do sexo na CPF têm as características próprias de uma comunidade fechada, unissexual, religiosa e fortemente reprimida. A homossexualidade e a masturbação são as práticas mais viáveis, embora também proibidas e avaliadas como “safadeza”. A heterossexualidade desejada pela maioria das mulheres é impedida pela Instituição. A literatura pertinente tem revelado que as instituições unissexuais são o locus favorável ao desenvolvimento e à prática da homossexualidade. Na CPF ela tem algumas peculiaridades: 1. Percebi maior freqüência de relações homossexuais entre as mulheres que viviam com parceria instável, como é o caso daquelas que procedem da prostituição. 2. Algumas mulheres, por viverem em regime aberto, podiam sair nos fins de semana. Mesmo assim, algumas afirmavam seu desejo de viver a bissexualidade e tinham parceria simultaneamente homo e heterossexual. 3. Algumas parcerias são exclusivamente homo ou heterossexuais. 4. Observei relações triangulares, onde as mulheres transam entre si, mas sem qualquer conotação de sexo grupal (Figura 1). 5. Algumas referem que, em face dos maus tratos sofridos nas relações com os homens, não pretendem mais viver com eles, pois encontraram na homossexualidade mais afeto e camaradagem.

Figura 1 –Mapeamento das Relações Homossexuais na CPF – Fevereiro/87.



Legenda

Negrito-Parceira Ativa
Parceira Principal
Parceira Alternativa

Na impossibilidade da heterossexualidade, é a homossexualidade a principal força propulsora do dinamismo social da Instituição: Os sentimentos, as emoções, as ilusões, os confrontos e as conquistas, assim como as delações e os ciúmes que dão vida ao cotidiano, só podem se expressar nessas relações. Paradoxalmente, a homossexualidade torna-se o fator de sustentação da própria Instituição, um elemento necesário à economia carcerária.

Pelo combate formal à homossexualidade enquanto a prática mais viável da sexualidade, a CPF cumpre seu papel repressor como instituição penal/religiosa. O estigma daí resultante é atribuído não à Instituição que produziu essa condição, mas às mulheres, “cuja carne é fraca”, segundo expressa a direção.

Fica evidente que a maior parte das vivências homossexuais das mulheres é marcada pela contingência unissexual em que vivem. Joel Birman (1980) chama a atenção para o papel das condições institucionais na organização dos comportamentos sexuais dos internos. A maior parte da homossexualidade adquire na CPF proporções claras de aprendizagem, de substituição do heterossexualismo. São óbvios os depoimentos destas mulheres: - *“Eu gosto é de homem, mas como aqui não tem, eu pego uma mulher pra gente se gostar”*. - *“Eu gosto é de homem, mas aqui na cadeia tenho que ter uma mulher pra me ajudar a aguentar a pena”*.

Algumas dizem ter encontrado na homossexualidade mais afeto e companheirismo, e há quem tenha descoberto uma nova dimensão para a vida: *“A emoção de viver com Roberta supera tudo o que já vivi com três homens. Agora, eu só quero ela”*.

Birman (1980) acha que a sexualidade na Instituição tem uma prática transgressora, através da qual o interno se restabelece como sujeito. Despojado de tudo, resta ao indivíduo o próprio corpo, que não pode ser totalmente submetido à vontade institucional. É através desse resíduo que ele tenta reencontrar o seu lugar social, impondo-se como gozo. É desta forma que o interdito estimula a transgressão. Na CPF, a Instituição reforça o que quer reprimir.

A constante mortificação a que está submetida a mulher presa é desafiada pela força transgressora, através da qual ela se descobre ainda viva, dona do próprio corpo, sujeito de alguma ação e capaz do prazer. As manifestações sexuais na CPF são um contrapoder desafiador às normas institucionais do desprazer. Essas práticas, que na ótica da Instituição e de alguns teóricos podem ser chamadas de “desvios” ou “patologias”, possibilitam à mulher da CPF a certeza de que ainda é alguém, que não morreu totalmente e que ainda se identifica

com alguma parte de si mesma. Elas se restabelecem vivendo suas fantasias, escrevendo seus poemas, masturbando-se, seduzindo suas parceiras, trocando afagos nos lugares e oportunidades esquecidos pelo sistema controlador. No pátio aberto e sob a luz do sol, desafiam a vigilância e roubam beijos e carícias às suas parceiras. É a prática “desviante” da sexualidade, uma forma silenciosa de continuar a existir.

A masturbação parece generalizada. A afirmativa mais geral é: *“Aqui todo mundo se masturba”*. Contudo, encontrei um verdadeiro tabu para a fala da própria masturbação. Questionando algumas mulheres sobre esta dificuldade, elas alegam *ser “uma coisa feia, que faz mal e é pecado”*. Essa atitude reflete os tabus presentes tanto na sociedade como no contexto religioso da Instituição, que considera o auto-erotismo pecaminoso. Apenas três mulheres falaram claramente da própria masturbação, e mesmo assim era uma espécie de lamento, culpa ou vergonha: *“Eu sei que Deus vê, que a Ele não se engana, mas eu me masturbo, que eu não vou ficar doida, né?”*. *“Satisfazer-se só, dá ódio desse povo daqui, da direção”*. *“Quando estou com muito desejo eu me masturbo, que é que eu posso fazer?”*.

Algumas falam negativamente, vendo na masturbação uma forma diminuída da sexualidade, desvalorizada e pouco digna de ser vivida: *“Aqui todo mundo se masturba, mas muita gente tem vergonha disso”*. *“Quando tenho desejos, aí eu me lembro dos bons momentos, às vezes até choro. Mas depois rezo e peço a Deus pra me esquecer”*.

Considerações finais

A repressão sexual já existente na sociedade sobre a mulher é intensificada na CPF pela própria condição de ser uma Instituição Total, unissexual e religiosa. De forma sutil e eficiente, a religião colaborou com esse processo, culpabilizando o desejo, condenando e adoecendo qualquer expressão da sexualidade. Essa condição de culpa inscreve-se na base do eu, na experiência mesma da pessoa, e desenvolve sentimentos inquietantes ante a sexualidade, como se ela não fosse um bem em si, mas algo perturbador, indevido, indesejado.

A sexualidade, porém, é uma dimensão muito especial da pessoa. Mesmo sob a mais intensa repressão ela encontra formas próprias de realização. Quanto mais intensamente é reprimida, mais criativos e inesperados são seus canais de expressão. A sexualidade desafiada pela vigilância e pelos princípios religiosos da CPF é intensamente vivida. Driblando o olho mágico do poder, as mulheres desafiam, contrapõem-se e reafirmam sua identidade ameaçadora. Na descoberta de seus corpos prazerosos, elas ainda se sentem vivas e capazes.

O tratamento dispensado às detentas tem sido apenas punitivo, e não reeducativo ou reabilitador como se pretende. Os espaços ociosos do cotidiano da CPF são destrutivos. Não há ocupações educativas e remuneradas capazes de prepará-las profissionalmente.

A vida na Instituição Total leva as pessoas a uma perda de identidade e cidadania. É inconcebível nos dias atuais que ainda se proíba alguém de ler jornais ou revistas atualizadas, mas isto ocorre na CPF. Mantê-las desinformadas, alienadas, é mais uma das estratégias de dominação que lá se mantém.

A Igreja Renovada da América Latina coloca-se ao lado dos oprimidos e convoca de certo as Irmãs do Bom Pastor para se posicionarem ao lado das mulheres marginalizadas, lutando com elas e não contra elas. Algumas das religiosas dessa Congregação, entendendo o novo tempo em que se vive, comungam com os apelos de renovação e lutam por dias mais justos e humanos, discordando inclusive do papel de carcereiras ainda exercido por algumas em Pernambuco.

Os jornais locais comentaram esta pesquisa e uma grande reportagem foi feita pelo Jornal do Comércio em 14/8/89. O fato teve repercussões. Atualmente as Irmãs do Bom Pastor já não dirigem a CPF. Recentemente entregaram a direção ao Estado.

Inquieta-me a consciência de que este trabalho denuncia uma realidade que não tem solução sem a mudança das estruturas sociais. Sem essa mudança, por certo apenas os pobres continuarão superlotando as penitenciárias. Assim, a sociedade vai repetindo o histórico e desumano gesto da institucionalização que separa “bons” e “maus”, que estigmatiza, que marca pessoas como seres diferentes. A ordem fica assim estabelecida.

Não há como concluir. Deixo a reflexão proposta por Sartre: “O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas aquilo que ele fez do que fizeram dele”.

Referências bibliográficas

BALANDIER, G. **Antropológicas**. São Paulo: Cultrix, 1976.

BIRMAN, J. **Sexualidade na Instituição Asilar**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BOTAS, P. C. L. A perversão da ternura. In: **Macho Masculino Homem**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **História da Sexualidade I. A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANKL, V. **Um Psicólogo no Campo de Concentração.** Lisboa: Editorial Aster, s.d.

FREUD, S. Una teoria sexual. In: **Obrás Completas.** Vol. 1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967.

_____. El Malestar en la Cultura. In: **Obras Completas.** Vol. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos.** São Paulo: Perspectivas, 1974.

_____. **Estigma.** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

OLIVIER, C. **Les Enfants de Jocaste.** Paris: Denoel Gonthier, 1980.

RIGOL, P. **Sociologia do Terceiro Mundo.** Petrópolis: Vozes, 1977.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

**REVISTA SEXUS – ESTUDO MULTIDISCIPLINAR DA
SEXUALIDADE HUMANA**

O COMPORTAMENTO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

ADOLESCENT SEXUAL BEHAVIOR

Resumo: Neste artigo propõem-se reflexões sobre as alterações dos comportamentos dos adolescentes na atualidade. Pondera-se as interferências sociais e culturais, as alterações de papel de gênero, a importância do contato nas relações parentais e, em especial, sobre o fato de que o adolescente é um ser em ebulição, em formação, sendo difícil que possua rumos e limites definitivos.

Palavras-chave: Adolescência. Cultura. Papel de gênero.

Abstract: In this article we propose discussions on behaviour changes of adolescents today. We cover the social and cultural interferences, the gender role changes and the importance of contact in parental relations. In particular the fact that the teenager is a human being erratic development. They rarely have definite directions and limits.

Keywords: Adolescence. Culture. Gender role.

A vida inrrompe em sua punjança maior quando a passagem se dá, do mundo da criança para o mundo do adulto. Aí começam as transformações físicas, emocionais e sociais. Uma voz desejeitada, um discreto bigode, Um crescimento vertiginoso anunciam o homem que se faz. Na menina dois botões surgem no tórax e como que por encanto, curvas se delineiam, arredondando formas, detendo olhares, acordando desejos e emoções. É a mulher que se projeta num corpo cheio de graça e sensualidade. Começa para ambos a conquista da vida na adolescência, rumo a vida adulta.

Um tempo de luta e beleza. Luta entre o ser e o não ser. Beleza da vida que explode com a maior intensidade conhecida pelo ser humano.

Definir adolescência, comportamento, sexualidade, é apresentar certezas. Certezas a cerca de um ser que não tem certeza, um ser que se faz. Aliás, em qualquer idade o homem é um vir-a-ser, está em constantes transformações. Definições nos colocam diante de respostas estáticas e o adolescente é um ser em ebulição. Por isso não tenho e não ofereço visões definitivas. Prefiro observar a sexualidade na trajetória humana e tecer reflexões. A sexualidade procriação foi meta, enquanto a humanidade carecia de mão de obra no trabalho, de soldados

· Artigo publicado na **Revista Sexus – Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana**, 3(4), 1991, p. 8-10. Publicação do NUDES - Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora.

¹ Psicóloga clínica. Mestre em Antropologia. Prof. Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco – Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Adolescência, em maio de 1991.

na guerra, de fazer crescer a população. Mas o cresci e multiplivai-vos chegou ao seu limite. Estamos diante de uma explosão demográfica que a terra não pode mais suportar. O fato por si só redimensiona o enfoque da vivência da sexualidade entre os povos. Ela não pode mais continuar sendo apenas percriativa, mas tende a assumir cada vez mais uma dimensão lúdica, abuscar seu significado no encontro, no prazern na partilha amorosa.

Presente no indivíduo desde o nascimento, a sexualidade busca afirmação na adolescência. Os meninos convivem com a explosão das sensações corporais e dos impulsos eróticos, meninas descobrem um enorme poder de sedução, a graça e o veneno de ser fêmesa. A busca da identidade ocupa grande parte da energia do adolescente. Muitos caminhos são trilhados. A reinvidicação, a pertinência a grupos minoritários, e até marginalizados, a sujeição a um líder que o guia, a intelectualização, a transgressão, a rebeldia, a masturbação, a homossexualidade, a heterossexualidade. Esta diversidade de caminhos diz da instabilidade do que é vivido por um ser, que se encontra no intertício de posturas infantis e adultas. Nesta interseção ele tem a sensação da plenitude, do mago onipotente, do ser criança e adulto que tudo pode. Quem sabe se ele não tem razão! A sabedoria Taoista diz que a verdade está no meio.

A literatura refere-se a esse tempo como sendo de crise. Contudo não me parece ser este o sentimento do adolescente frente ao seu tempo. Ele se sente em explosão de vida, em descoberta. É impelido a viver uma pluralidade de experiências que não devem ser patologizadas pelos adultos. São condutas de buscas que marcam descobertas e afirmações. A crise é percebida pelos que o observam. Os chineses falam da crise na dimensão exata do que quero focar para o adolescente: “*Crise é oportunidade e perigo.*” É a chance que está ali e que exige um desafio. Entre nós crise tomou a conotação desestruturante e frustrante. Não se enfoca a dimensão desafiadora que seduz o jovem, que lhe instiga a superação. A crise no relacionamemnto familiar é vivida na derrubada do mito dos pais, e é necessária à afirmação do adolescente. Constitui sem dúvida grande sofrimento também para a família que vive o luto da perda de sua criança. Encontrei de David Calderoni este poema:

“Hoje encontrei meu pai
E doi pensar
O quanto ainda sou filho
É preciso matar meu pai
Teu, nossos pais
Mas, sobretudo é preciso
Sabê-los morrer
Para não cometer suicídios”

Essa morte simbólica, desejada por um, temida por outro, constitui o padecimento básico de pais e filhos, mas sem dúvida o preço pago por ambos pelo crescimento.

A sexualidade é a grande energia que mobiliza o adolescente, que o impulsiona para a vida, para o outro, Freud chamou a essa energia de *libido*, palavra latina que significa *desejo*. Evidenciou que a libido não tem um objeto único capaz de satisfazê-la. O objeto é constituído no sujeito a partir da percepção da falta, do vazio inaugural. Esse objeto pode ser ele mesmo, um outro, outro do mesmo sexo, ou situações e ações catalizadoras dessa energia. A libido faz uma trajetória percorrendo várias fases, obtendo gozo através de objetos parciais, até atingir uma síntese pulsional em torno da zona genital, na adolescência.

A masturbação, comportamento comum na adolescência, torna-se conduta natural do processo de descoberta prazerosa, além de ser um forte veículo de descarga de energia sexual. Como expressão do *auto-erotismo*, compõe uma das etapas de amadurecimento do *ego*. Quase sempre vem acompanhada de fantasias relacionadas a algo ou alguém desejado. Sua intensificação na adolescência se dá pela possibilidade orgástica que oferece, sem que para isso seja necessário enfrentar as dificuldades de conseguir uma parceira. A masturbação embora muito tabuisada, só é danosa se for um impedimento para o encontro com o outro. Também ela pode ser produzida por uma negação fantasiada ou real, de afeto por parte dos pais.

A homossexualidade também é vivida por grande parte dos adolescentes, como um tatear do investimento libidinal em direção à identidade sexual. Na maior parte dos casos não tem nenhum significado de definição sexual. Essas vivências podem ser meras expressões de maior facilidade de contato e convivência com o grupo do mesmo sexo, da timidez de abordar a figura do sexo oposto, ou ainda, como forma de contraposição à ordem familiar estabelecida. A vivência homossexual é um fenômeno universal e “*tão antiga como a humanidade*” dizia Goethe. Contudo a leitura desse fato é inserida no conjunto de peculiaridades conceituais concernentes a cada etnia.

A sexualidade por ser genitalizada em nossa cultura é reduzida a uma produção consumista e mecanicista de múltiplos orgasmos. Grande parte dos jovens continua reproduzindo esse modelo cultural: os rapazes devem provar que são homens e as moças devem guardar seu corpo como um trunfo para o casamento. Contudo começam a surgir jovens atentos a uma forma nova de viver a sexualidade. Encontra-se entre eles o prazer da convivência, a partilha amorosa e uma sexualidade vivida de corpo inteiro, não apenas em nível genital. É mais ampla, sensível e enriquecida a experiência amorosa.

É afirmação freqüente na literatura, a inveja experimentada pelos adultos frente aos

adolescentes de hoje que, mais esclarecidos e com mais alternativas, são mais capazes de viver satisfatoriamente o sexo. O jovem vive um movimento de ascensão, explodindo física, emocional e intelectualmente, enquanto o adulto encontra-se num movimento de conservação de energia. Muitas vezes é a insatisfação com a própria história sexual que leva adultos a interpretar comportamentos jovens como sendo libertinos, e os reprimem. Pesquisas atuais revelam, no entanto que o adolescente é essencialmente monogâmico, fiel, dedicado ao afeto e que só se envolve sexualmente se pronto para isso.

Estatísticas médicas dos últimos 150 anos têm revelado que a moçada vem precocemente alcançando prontidão física para o sexo/procriação, ou seja, a menstruação chega mais cedo a cada geração. A prontidão sócio-econômica e profissional fica cada vez mais tardia, numa sociedade competitiva como a nossa. (VITIELLO, 1986). Isto adia muito a possibilidade do casamento. Como são encaradas, no entanto as relações sexuais vividas antes do casamento, sobretudo para a mulher dessa sociedade machista? Uma cliente de 21 anos de idade, com namorado estável, de dois anos, deu início às relações sexuais. Seus pais, médicos, que viam o fato com naturalidade, consideraram conduta abominável, quando se tratou da própria filha. O conhecimento do fato constitui um trauma familiar e essa jovem apresentou um quadro de dispareunia que lhe tornou insuportável às relações sexuais. Uma guerra se estabeleceu entre o desejo e sua culpa. O peso da proibição/trangressão, o sentimento de culpa vivido, a rejeição sentida, sobretudo por parte da mãe, impedia-lhe a experiência prazerosa.

Em relação ao contato físico, também os pais fazem rupturas, que podem ser vividas pelo adolescente como ansiedade de separação, solidão, frustração, numa etapa em que ele vive o luto do seu corpo e dos comportamentos infantis, o que constitui perdas muito significativas. O contato físico é necessário ao desenvolvimento da conduta sexual saudável em qualquer idade, porque a verdadeira linguagem do sexo é não verbal, é o *toque*. Uma linguagem que se aprende no contato, sobretudo com os pais. O que leva, no entanto os pais a se impedirem o contato físico com seus filhos na adolescência? O que muda nas relações dos pais com a criança e com o adolescente? Que medos e fantasmas povoaram o imaginário parental? O que significa para eles a irrupção sexual de seus filhos? São questões que sugerem reflexão. É sabido, contudo que a falta do toque tem conseqüências negativas. Hollender (*apud* MONTAGU, 1988) cita o exemplo de uma ex-garota de programas que dizia: “*De certo modo usei o sexo para que me abraçassem.*” Estudos diversos citados por Montagu, mostram vantagens do contato físico sobre a saúde da pessoa em geral, sobretudo em seu sistema imunológico. A pele tem função imunológica, de modo que, a pessoa, amada, tocada, é bioquimicamente diferente da não tocada segundo tais estudos. A mensagem não verbal do

contato de ser abraçada é de certo a de ser amada. Alguns receios, no entanto povoam o imaginário dos pais. Uma cliente queixava-se da falta de convivência física com seu pai na adolescência e estranha o fato de que atualmente ele o faz e até a coloca no colo. Curiosamente ela está grávida. Mera coincidência? A psicanálise não deixaria passar despercebido o fato de que nesse contexto ela não representa tanto perigo à sexualidade do pai.

Uma característica que parece marcar o relacionamento sexual de alguns adolescentes atuais é uma maior igualdade, menor rigidez dos papéis sexuais, maior expressão dos sentimentos por ambo os sexos. Gaiarça com muita propriedade falava de uma certa androginia dos papéis sexuais, considerando que, as pessoas muito rígidas quanto a esses papéis não conseguem ser felizes.

Sem dúvida essa é uma abordagem otimista do comportamento sexual dos adolescentes e deixaram de ser enfocados os “problemas da idade.” Tenho consciência de essa visão é pertinente a uma faixa mentalmente privilegiada da população. Nivelei por alto a questão, querendo com isto fazer um ato de fé no homem e na mulher, que fazem e enaltecem a inebriante descoberta do amor.

Referências bibliográficas

KOSNIL, A. **A Sexualidade Humana**. Novos rumos do pensamento católico americano. Petrópolis: Vozes, 1982.

LEÃO, S.C. **Infância, Latência e Adolescência**. Temas de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MONTAGU, A. **Tocar** - o significado humano da pele. São Paulo: Summus Editora, 1988.

SILVA, A. C. A sexualidade e a adolescência. In **Sexologia II**, São Paulo: Rocca, 1986.

TAKITI, A. **A adolescência está ligeiramente grávida. E agora?** São Paulo: Iglu.

VITIELLO, N. Sexualidade na adolescência. In **Sexologia II**. São Paulo: Rocca, 1986.

(CON)TATO E DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

(CON)TACT AND DIALOGUE IN SEX EDUCATION

Resumo: Neste artigo reflete-se sobre a importância da educação sexual na família. Pontuando que todo o início das interações afetivas e de contato entre os pais e o bebê, são as primeiras formas de educação sexual.

Palavras-chave: Educação sexual. Afeto. Contato.

Abstract: This article dwells on the importance of sex education in the family. We should highlight that beginning of affective interactions and contact between parents and baby, are the first forms of sex education.

Keywords: Sex education. Affection. Contact.

Pensar a educação sexual visualizando a inteireza da pessoa, é remeter a questão à anterioridade do nascimento, quando o casal opta pela criança. Somos seres do desejo, e desejar ter ou não ter um filho marca profundamente às relações entre o pai, a mãe e a criança. O bebê desejado, bem-vindo ao mundo, certamente é tocado, cuidado e amado sem barreiras. Estrutura-se aí a dimensão primeira da sexualidade, numa relação epidérmica e experiencial, anterior à palavra não-conceitual.

O (con)tato corporal é a linguagem densa com a qual se torna possível a comunicação com o bebê. O alimentar, acariciar, embalar, limpar, cuidar ou descuidar, são aignos dessa comunicação primeira.

Através destes gestos, o bebê apreende o mundo, as pessoas e as relações. O adulto em contato com a criança é veiculador de informações plurais e possibilitador da experiência do corpo como desejável e prazeroso, do outro como terno e confiável, do mundo como agradável ou ameaçador. É a primeira leitura do ser humano que vem ao mundo em estado de nudez, e que vai inscrevendo no corpo a sua história, através da vestimenta que o universo de relações lhe tece.

No convívio com o bebê, a abstração, o raciocínio, a lógica cedem lugar ao toque, ao

· Artigo publicado na **Revista Sexus – Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana**, 2(2), 1990, p. 12-3. Publicação do NUDES - Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora.

¹ Psicóloga clínica. Mestre em Antropologia. Prof. Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco. Membro fundador do ISES - Instituto de Sexologia e Educação Sexual, em Recife.

(con)tato, que marcam a etapa primordial da educação sexual que a vida possibilita. É o registro primitivo da sexualidade que se presentifica em cada corpo humano, arqueologicamente, cômico pré-história. Nenhum projeto de educação sexual posterior pode ignorar estes alicerces. Conceitos formulam-se e reformulam-se; estudamos, conhecemos, aprendemos, mas a vivência da sexualidade é marcada por estes registros inconscientes dos primeiros contatos.

A casa é a primeira escola de educação sexual, o lugar da maternagem e da paternagem, englobando todos os cuidados que os pais dispensam à criança.

Hildegger (*apud* MAY, 1973) considera o cuidado como o fenômeno básico constitutivo da existência humana. É ontológico porque faz do homem um homem. O cuidado é a expressão concreta do amor, é um estado no qual algo tem importância. Esta dimensão registra para a criança sua condição de “ser desejável.” Poderá a criança mal cuidada, mal-amada, mal-tocada, sentir-se desejável?

A vivência prazerosa e expressiva da sexualidade dos pais é a mais autêntica e eficiente educação sexual. Entretanto, a grande maioria pertence a uma geração que silenciou a própria sexualidade como forma de negá-la, de reprimi-la, o que dificultou o desenvolvimento de atitudes livres e transparentes frente à própria vivência do sexo. Somos fruto da “*Scientia sexualis*” e não da “*Ārs erótica*” (FOUCAULT, 1974). O saldo disto é a inquietação e insegurança face à sexualidade vivida e questionada pelos filhos.

A corporeidade, essa dimensão dionísica da vida, vem sendo progressivamente resgatada. Sexo-pecado, corpo inferior, são gestos e direitos, termos questionados nos conceitos e discursos da modernidade. Isto vem possibilitando maior desnudamento do casal para o próprio ato de amar e gerar um filho. Homens e mulheres buscam igualdade no desejo e na conquista do prazer, tentam a mesma linguagem, exigem-se democraticamente dividem o comando no gestual dos corpos entrelaçados.

Há quem veja nessa integração sexual entre o homem e a mulher um saldo muito positivo, como o surgimento de uma juventude mais bonita e indiscutivelmente “melhor fabricada”. Persistem receios de que a fala aberta sobre sexo, exacerbe o desejo de crianças e adolescentes, ou que o (con)tato com o nu em família antecipe fantasias eróticas. A prática mostra, pelo contrário, que um contexto de abertura e largueza de informações, reduz a tensão que o sexo provoca, possibilitando inclusive o adiamento do exercício da genitalidade, para

um momento de maior fruição. Estudos revelam que o indivíduo educado num ambiente negador da vida e do sexo, adquire uma ansiedade frente ao prazer que torna doentia sua forma de viver e se expressar (NAZÁRIO, 1987). Nenhuma defesa humana é mais absurda e perigosa que a negação. Estudos transculturais também têm revelado que crianças educadas com contato físico e permissividade sexual resultam em índices reduzidos de violência adulta (CONSTANTINE, MARTINSON, 1984). Talvez possamos analisar por este ângulo o alto índice de violência sexual que marca os dias atuais.

O diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade. Há crianças que perguntam muito, outras nada interrogam e outras ainda precisam de um ambiente encorajador para atreverem-se a levantar algumas questões. Todas têm direito às respostas que buscam. Todas devem ser consideradas “seres sexuais,” ter acesso a material informativo sobre a sexualidade e dispor de bibliografia adequada à idade em que se encontram. O diálogo é o exercício natural para o desenvolvimento da relação adulta, para o encontro entre pessoas.

A escola precisa continuar o trabalho de educação sexual repensando dimensões esquecidas, visões distorcidas ou negadas da sexualidade sem, contudo substituir a família. A criança já não chega à escola com o corpo transparente, em estado de nudez, mas com diversas inscrições acerca do sexo. A interação família-escola torna-se fundamental para que ela não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes, em seu processo educacional.

A tarefa da educação sexual torna-se emocionalmente custosa também aos professores, igualmente pertencentes a esta cultura marcada pela “Scientia sexualis”, e que nem sempre sentem-se disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. Mesmo assim, quase sempre a escola torna-se o espaço mais aberto onde os adolescentes fazem seus questionamentos. Nos debates sobre a sexualidade tenho observado que os jovens fazem perguntas que os pais e mesmo os mestres não se atrevem a fazer. São gerações diferentes sinalizando as relações de fechamento-abertura frente ao discurso do sexo.

É função da educação sexual suscitar, estimular a troca e o encontro entre as pessoas. A experiência sexual básica é de (con)tato e troca. O impulso natural do organismo enquanto sistema aberto é a troca com o ambiente. Max Pagès vê no desejo, no prazer e na sociabilidade, um todo dado e indissociável. A partilha do prazer é a base da própria experiência social e possibilita a descoberta de si e dos outros. É a impossibilidade de partilhar que está na origem das formas possessivas, e a possessividade detém as mudanças (PAGÈS, s/d).

Troca e encontro é que possibilitarão as mudanças nas relações sociais. Uma resisão dos padrões machistas, e o estabelecimento da igualdade e liberdade para ambos os sexos torna-se imprescindível. Fora disso, tudo o que for alterado levará a novas formas de repressão. A possibilidade da partilha amorosa está na igualdade, na relação EU-TU (BURGER, 1979). Que não invertamos os termos da relação a ponto de amarmos as coisas e possuímos as pessoas.

Referências bibliográficas:

BURGER, M. **A relação Eu e Tu**. São Paulo: Editora Cortez e Moraes, 1979.

CONSTANTINE, L.; MARTINSON, F. **Sexualidade Infantil**. São Paulo: Editora Roca, 1984.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1974.

MAY, R. **Eros e Repressão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

NAZÁRIO, L. **Sexo**. A alienação do Desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PAGÈS, M. **O Trabalho Amoroso**. Lisboa: Vega Universidade, s/d.

PRA(Z)SER COMPARTILHADO

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

SHARED PLEASURE TO BE SHARED

Resumo: Reflexões sobre a qualidade da relação amorosa e como ela transita pela dimensão da igualdade de direitos entre homens e mulheres. A relação desigual sedimenta-se na dominação-submissão, no aprisionamento. A busca da igualdade exige um profundo respeito pelas diferenças, a começar pelas diferenças fisiológicas. O homem atual não precisa cobrar-se ser herói, viril, macho ou vencedor. A mulher atualizada quer o compartilhar do prazer na igualdade.

Palavras-chave: Igualdade. Direitos. Gênero. Prazer.

Abstract: Discussions on the quality of loving relationship and how it flows thought the equal rights issue between men and women. Domination-submission and imprisonment are the grounds for the unequal relationship. The pursuit of equality requires a profound respect for differences, beginning with physiological differences. The contemporary man does not need to be a hero, virile, male or winner. In our days woman is looking the sharing of pleasure in equality.

Keywords: Equality. Gender. Rights. Pleasure

Homens e mulheres deparam-se com exigências novas acerca da vivência do amor e do prazer. Elas avançam num processo de conscientização do direito que tem do prazer e são estimulados para mudanças de atitudes frente ao modo de viver a relação e para o “desempenho sexual.” São sinais de um novo tempo, quem sabe, promissor de gestos novos, de pessoas novas, e conseqüentemente de novas formas de viver a sexualidade.

Essa vertente que se evidencia na forma atual de relacionamento sexual merece análise dos aspectos que podem facilitar ou dificultar o processo. O prazer masculino situa-se num contexto novo que por vezes embarça o homem, e até impede-lhe o funcionamento satisfatório. A mulher atualizada quer o compartilhar do prazer na igualdade. Isto implica uma concepção diferente de ser homem, de ser bom parceiro. A virilidade já não se basta por si só, por sua capacidade erétil e orgástica. O homem atual exige muito mais dele mesmo. Ele cobra-se o prazer feminino, a felicidade erótica da companheira. Passa da cobrança de virilidade que a cultura machista lhe impôs, para a autocobrança de fazer a mulher

· Artigo publicado na **Revista Sexus – Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana**, 2(5), 1990, p. 5-6. Publicação do NUDES - Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora.

¹ Psicóloga clínica. Mestre em Antropologia. Prof. Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco. Membro fundador do ISES - Instituto de Sexologia e Educação Sexual, em Recife.

sexualmente feliz.

A sucessão de cobranças pode ser geradora de equívocos. Ninguém pode ser responsabilizado pelo prazer do outro. Diria mesmo que ninguém dá o prazer a ninguém. Ele está em cada um de nós, mas precisa do outro para atualizar-se, para ser vivido plenamente. Sem essa compreensão as mulheres correm o risco de continuar aguardando o prazer “doador” pelo companheiro, e os homens podem cometer o equívoco de sentirem-se agentes do prazer feminino – o que poderia redundar numa nova forma de controle e dominação. Somos desencadeadores do prazer um do outro, mas não responsáveis por esse prazer. O prazer sexual não se dá nem se recebe, mas se compartilha. Que a história não suscite novos equívocos que se interponham entre as relações homem-mulher.

A qualidade da relação amorosa passa pela dimensão igual, condição única para se viver a plenitude da afetividade. Amar é libertar, é respeitar o espaço do outro, e a busca da igualdade é essa busca de liberdade que lhe é subjacente. A relação desigual sedimenta-se na dominação-submissão, no aprisionamento, na negação da liberdade. Aí não há lugar para o amor. Este só acontece no encontro dos iguais, onde um não manipula o outro, apenas o deixa ser, como um por de sol que se contempla.

A busca da igualdade exige um profundo respeito pelas diferenças, a começar pela diferença fisiológica. Mas “a diferença dos corpos não gera a diferença dos poderes” diz bem C. Oliver. A diferença de direitos e poderes é por excelência marca do cultural. Ela se mantém sob a lei não escrita, mas que oprime com muito rigor. A norma escrita, a Constituição, por exemplo, até anuncia, afirma, propõe que “Somos todos iguais perante a lei”, mas é aquilo que não está escrito em lugar algum, mas que a sociedade inteira vigia, controla, censura, avalia, o que mais nos oprime.

Postular a igualdade de poderes e direitos na diferença dos sexos é geralmente considerado insensatez, utopia, sonho irrealizável, subversão da ordem estabelecida. A história da humanidade tem revelado que a construção da igualdade sempre enfrentou sérios entraves. Embora a palavra “igualdade” recheie o repertório de signos das mais diversas teorias, tem se tornado na prática cotidiana, um palavrão. Seus mensageiros sempre foram olhados com suspeita, e até tratados como seres indesejáveis. O grande exemplo disso é Cristo que postulou sermos iguais perante seu pai. Isso implicava, no contexto de sua mensagem, que o negro é igual ao branco, que mulher é igual a homem, que pobre é igual a rico, que homossexual é igual a heterossexual. Iguais na essência, porque humanos, e como tal,

merecedores de respeito e consideração. Foi demais para os poderosos. Cristo pagou caro pela mensagem.

Falar de igualdade sempre deu problema, mas com certeza é a mensagem mais empolgante e mais ameaçadora que os oprimidos anunciam ao mundo.

Em matéria de amor o homem atual não precisa cobrar-se ser herói, viril, macho ou vencedor. É preciso antes de tudo aprender a ser igual, a compartilhar, a exercitar a reciprocidade, a desejar a mutualidade. Importa compreender que na igualdade a relação é mais profunda para ambos, o encontro se dá e o prazer é mais intenso porque se torna possível uma entrega maior.

Pertencemos a uma cultura que genitalizou a sexualidade. Com isto impôs-se o quantitativo orgástico como meta de felicidade erótica para todos. Os *sex-shops* venderam mais em função de mais orgasmos. As casas de massagem, saunas e os protibulos idem. Viktor Frankl admite, contudo que a pressão de maior consumo sexual, sem partilha amorosa, prejudica a potência. Cuidou-se da quantidade orgástica e se descuidou da qualidade do prazer. Superficializou-se a relação, minimizou-se o encontro. Sem dúvida o orgasmo tem importância ímpar em nossa vida e em nossas relações, mas é preciso que não nos submetamos à cobrança de sua vivência como única condição de normalidade sexual. O quantitativo orgástico tão enfaticamente cobrado é um torcicolo cultural, apelo de uma sociedade consumista como a nossa. Que a eficiência orgástica não se sobreponha a dimensões tão importantes como a felicidade, o bem estar, o respeito, a realização entre parceiros.

A busca do amor, do prazer maior fora da igualdade é o maior equívoco. Sem dúvida muitas situações prazerosas são vividas sem essa exigência, mas quero destacar a *relação* mais profunda e significativa do prazer no encontro entre as pessoas. Não se pode reduzir a imensa potencialidade sexual humana a uma agradável mecânica, mas que é insuficiente para a explosão dos seres em consciências, em mutualidades. O prazer é indispensável para o ser. Precisamos do prazer para (ser) em totalidade. É assim que conclui Luiz Nazário (1987): *“Quando o amor acontece entre dois seres conscientes as conseqüências são infinitas.”*

Referências bibliográficas:

- FRANKL, V. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
NAZÁRIO, L. **Sexo - A alienação do desejo**. São Paulo: Brasiliense. 1987.
OLIVER, C. **Les Enfants de Jocaste**. Paris: Denoel Gonthier, 1980.
-

**ANAIS DE CONGRESSOS BRASILEIROS DE
SEXUALIDADE HUMANA DA SBRASH**



SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO. MOTIVAÇÕES E DESAFIOS

Maria do Amparo Rocha Caridade

Anais do X Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Porto Alegre, 2005, p. 11.

O homem é o único ser vivo que sabe que vai morrer. Isso o angustia, ele busca para si ilusões de eternidade, como se pudesse esconder-se de sua provisoriedade. A finitude é vista por ele como uma limitação, não como o limite que é posto à vida. Olhar assim, o impede do verdadeiro crescimento rumo à maturidade e a alegria de viver. Finitude é condição humana e nela somos desafiados a encontrar saídas para os limites, encontrar motivação para manter a vida com dignidade, satisfação, prazer e sentido. Falar de envelhecimento é falar da consciência dessa finitude, da possibilidade de ser por ela desafiados e da capacidade que temos; de proceder à superação, à transformação, à metanóia e à mudança de atitude. A vida é exigente de um ascender ao mais além.

A sexualidade é constantemente desafiada no ser humano na Terceira Idade, ela terá de ser vista considerando-se os limites do corpo, mas também as potencialidades do espírito. Entraves corporais podem ser enfrentados quando existir ludicidade criativa, afeto e sentido para a relação. A grande saída, o contorno aos limites do corpo, a dialética, a transformação desejável, será encontrada na experiência vivida com afeto e criatividade. Não na exigência descabida de performances e avaliações que transformam a relação do casal, num tribunal de avaliações mais que numa possibilidade prazerosa. Isso abate a auto-estima das pessoas e a alegria da relação.

Felicidade Sexual na Terceira Idade é uma construção responsável, que tem início desde os primórdios da vida do sujeito, mas depende da acolhida que se faz da vida finita que se tem nas mãos. É isso o temos. É isso o que somos. Uma finitude com gosto de infinito. Nela a sexualidade nos (e)terniza.

SEXUALIDADE CONJUGAL?

Maria do Amparo Rocha Caridade

Anais do VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro, 1999, p. 68.

Pensar acerca da Sexualidade Conjugal num Congresso, indica o reconhecimento de que o tema não repousa em território de águas tão tranquilas como desejamos, nem se trata de um universo inquestionável onde tudo corre de forma satisfatória, desde que os parceiros estejam protegidos pela aura sagrada do casamento. Trazer aqui o tema, supõe admitirmos que algo diferente disso ocorre no terreno das relações amorosas e sexuais, que a sexualidade vem rompendo o cerco que contem a experiência amorosa nos limites da legitimação conjugal. Assim o que antes aparecia como fato sereno e indiscutível, vem sendo visto agora em sua efervescência, em suas transformações, algo que irrompe do silêncio, da ordem antes estabelecida.

Deslizamos então da suposta tranquilidade ordenada do conjugal, ao sintoma inquietante, como algo que nos escapa entre os dedos. São desconstruções de modelos, mudanças que se impõem. Sabe-se que a verdade histórica da sexualidade conjugal, é que ela nunca foi o terreno tranquilo que se tentou mostrar, e chamo de sintoma, o fato de que é algo que sempre perturbou, que perturba até hoje, que desestabiliza a ordem, que provoca dores, que incomoda.

Nos dias atuais as relações amorosas e sexuais acontecem de modos diversos, obedecendo a modelos inesperados; as parcerias proliferam sem o vínculo oficial do casamento; estudos vêm mostrando que, no contexto das transições contemporâneas encontram-se modelos de relações de compromissos provisórios, ou até sem compromissos. Contudo nessas relações ocorrem descobertas e trocas interessantes entre as pessoas, e o momento cultural é fortemente estimulador da experiência do efêmero como possibilidade prazerosa. Então não é mais possível pensar a sexualidade restrita ao conjugal. Quem sabe as mudanças não endereçam a vivência de uma sexualidade mais leve!

PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA DIMINUIÇÃO DO DESEJO

Maria do Amparo Rocha Caridade

Anais do VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro, 1999, p. 138-9.

“Hoje nada é menos seguro do que o sexo por trás da liberação de seu discurso. Hoje nada é menos seguro do que o desejo por trás da proliferação de suas figuras.” Com essa afirmação BAUDRILLARD (1992), nos faz pensar que a pluralidade de discursos não garante a liberação da sexualidade, e que o desejo não se satisfaz no real, no consumo de corpos e imagens. Ele nos faz pensar também, que há um perigo, uma iatrogenia talvez, nessa hiperprodução de sexo, de discursos, de hiperrealismo do gozo que a cultura vem promovendo. A hiper oferta de objetos sexuais constitui um desperdício, posto que o desejo só se sustenta na falta do objeto desejado. Se tudo é dado, revelado, tornado excessivamente real, que lugar resta ao desejo?

Como funciona o desejo? Garcia Rosa (1991), articulando Freud, Lacan e Hegel, fala do desejo e o situa não na ordem do biológico, mas do pulsional, conceito intermediário que Freud postulou para articular o psíquico e o somático na questão desejante. A pulsão tem sua fonte no corpo, mas não se esgota aí. O desejo é remetido para o registro do imaginário. É o desejo *como desejo de desejo*, ou seja, o desejo humano é o *desejo de outro desejo, é o desejo de possuir o desejo do outro, de ser desejado ou amado pelo outro, de ser reconhecido em seu valor humano*. A ânsia de aprisionar o outro na relação, é a expressão dessa incerteza do desejo do outro.

Ao desejo humano falta um objeto concreto que o satisfaça plenamente, razão porque seu destino não é satisfazer-se, mas permanecer desejando. Essa é uma característica da sexualidade humana. O corpo humano não é apenas da ordem do biológico, ele é também um corpo apossado pelo simbólico, e isso é que o torna pulsional. É enquanto corpo pulsional que o sujeito deseja, busca objetos para sua satisfação e quer permanecer desejando.

O microprocessamento que se faz do desejo na cultura, essa constante administração do sexo via discursos, imagens ou farmacologia, é uma faca de dois gumes. Há atitudes, aprendizagens, técnicas, que conduzem a uma eficiência, não necessariamente à felicidade das pessoas. Felicidade é um sentimento do Eu. O sexual é sensação. O sexual é necessário, mas não suficiente. A sensação é pontual, o sentimento é perene. A felicidade é possível se

integramos esse sexual a algum projeto em nossa vida. Isso dará um sentido de permanência que previne o vazio do qual tanto reclamam nossos clientes.

Se as imagens, os estímulos, são invasivos, impostos pela máquina social consumista, não é o indivíduo quem escolhe suas diretivas sexuais, ele não se apropria do que faz, não afirma seu desejo, não desenvolve um estilo ético próprio. Isto supõe escolha, e a Sociedade do Espetáculo na qual se vive, deixa poucas possibilidades para se escolhe algo próprio, construtivo de si como sujeito. Tudo está pronto, inclusive a história à qual ele deve adaptar-se. O sexo assim apropriado pela máquina publicitária deixa de ser partilha, sedução, e vem se tornando objeto fácil no mercado de consumo, vem sendo trazido cada vez mais para fora do sujeito. É um meio à Sociedade do Espetáculo, à Cultura do Narcisismo, à Cultura da velocidade, da diversidade, do efêmero, da globalização, que se insere a experiência desejanse em nossos dias.

A desatenção ao simbólico é outra dimensão que me parece responsável pela diminuição do desejo, na medida em que ela promove a morte da sedução. A sedução opera como uma afinidade dual do sujeito com um outro. Nessa articulação ela se estabelece como ritual, como contato entre dois inconscientes, como simulação, como jogo onde parece que não se quer, mas na verdade se queima de desejo; jogo onde se desafia o outro a amar de volta. O que é despertado pela sedução é a fantasia, e ela eterniza o processo. A sedução é *“também uma religiosidade do desejo...uma busca lúdica de um objeto-deus”*, diz Sibony (91). Ora, um objeto-deus é inacessível. Isso significa que a busca não quer terminar, que é ilimitada, e que a consecução do objeto, representaria o fim da sedução, a morte do simbólico, a entrada do real.

Outro aspecto inibidor do desejo, talvez seja o terror difundido do “ficar só”, a idéia de que só se é feliz em parceria. A parceria entra assim na vida das pessoas, não tanto via desejo, mas via determinação cultural, como “meta de normalidade”. Ante a exigência do não ser só, como condição de felicidade, as pessoas tendem a colar nas parcerias, como antídotos à temida solidão. O que é um equívoco. Nasce a posse morre o desejo. Não posso desejar o que está colado em mim.

Apesar da “grande liberação” da imagem e do discurso acerca da sexualidade, a satisfação das pessoas em relação às suas vivências é diminuta. A clínica revela que é elevado o desencanto e a dor ante a sexualidade e o desprazer. As pessoas entram nas relações como se fossem comprar uma dose de felicidade, que de tão passageira, deixa plantado um enorme vazio.

Outras pessoas apostam na felicidade do Amor Romântico, e se decepcionam. A expectativa seguida de frustração, é também inibidora do desejo. Afinal “*A vida é bela*”, mas não tanto.

Outro fantasma, e este é mortal, ronda o desejo neste fim de século. É a AIDS, que para uns faz acautelar o desejo, torna o sexo “*fonte de perigos reais*”; para outros a busca do prazer se torna um desafio irresponsável. Freud disse que “*O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança*”. Brauman recentemente inverteu essa polaridade dizendo “*os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade.*” E analisa: “*Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança pequena demais.*” O homem pós-moderno parece buscar sua provisão de prazer e felicidade num contexto de mínima segurança. A AIDS é essa insegurança que ameaça a razão de prazer que nos é possível obter.

Cresce em nossos dias a depressão, a angústia, a fobia, a violência e o pânico. Que falhas terão nossos discursos que não têm ajudado às pessoas a conseguirem um grau maior de felicidade? Será que não exaltamos utopias, idealizações, exigências, performances, que agem contra o bem estar delas? O que lhes dizemos sobre a importância da alegria, da amizade, da cumplicidade para a construção do seu bem estar? Por que sexo é a única dimensão responsabilizada pela felicidade? Será que não estamos como meninos encantados, ante a liberação do brinquedo que antes era proibido? Não estaremos ofuscados, esperando o sexo como se ele fosse a “Arca de Noé”, como diz J.F.C. (1998) que enfim nos salvará de nosso mal estar contemporâneo? Essa super estimação do sexo promove ilusões, felicidade artificial, que mantém um vazio sofrido, o vazio de não ser sujeito, de não saber quem se é, o vazio de não saber para que serve nosso estar no mundo.

ATUALIZAÇÃO CADASTRAL E ANUIDADE

SBRASH Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana

SÓCIOS ANTIGOS

Todos os socios antigos devem ATUALIZAR OS SEUS DADOS - Entrar no Portal www.sbrash.org.br clicar em “SOCIOS” e depois em “ATUALIZE SUA SITUAÇÃO” preencher o formulário e enviar.

NOVOS SÓCIOS

Entrar no Portal www.sbrash.org.br clicar em “FILIE-SE” preencher o formulário e anexar.

